



Será que todos realmente acreditam que a Trindade é bíblica? Obviamente não

Título Original (En Inglés)

“Does Everyone Really Believe that the Trinity is Biblical? Obviously Not”

Traducido por Fernando Coutinho Sánchez

(ferjosousan@gmail.com)

Osorno, Chile, Marzo de 2024.

Compilado por Anthony F. Buzzard.

Pode ser usado livremente, para todos.

Todas as citações bíblicas neste estudo em português foram retiradas da Versão Bíblica Juan Ferreira de Almeida, Corrigida Fiel 2007 (ACF2007). Publicações eletrônicas. — Salvo indicação em contrário. Estas citações estão em caracteres *itálicos*.

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um versículo da Escritura são incluídas em [COLCHETES].

Todas as palavras gregas, hebraicas, aramaicas ou outras palavras não-portuguesas estão entre aspas, em *“ITALICAS”* e/ou transliteradas para português.



“Para que todos os povos da terra saibam que o SENHOR é Deus, e que não há outro” (1 Reis 8:60).

“Nosso único Senhor” (LXX de Daniel 3:17).

“Não temos nós todos um mesmo Pai? Não nos criou um mesmo Deus?” (Malaquias 2:10).

“E Jesus lhe disse: Por que me chamas bom? Ninguém há bom senão um, que é Deus” (Marcos 10:18).

Paulo em *1 Coríntios 8:4-6*: *“Todavia para nós há um só Deus, o Pai”*. (Paulo repete o *“Shemá”* citado por Jesus em *Marcos 12:29* como o maior e mais importante mandamento de todos).

***Salmos 110:1* é o texto-chave que é citado com mais frequência do que qualquer outro versículo no Antigo Testamento (AT).** Ele dá um oráculo de *“YHVH”* ao meu senhor. O título, “meu senhor”, para Jesus é *“ADONAI”* em hebraico, e nas 195 vezes que aparece define não-Deidade, alguém que não é Deus. A Divindade, por outro lado, é *“ADONAI”*, o Senhor Deus (449 vezes).

“Não há no AT qualquer indicação de distinções internas na divindade. É um anacronismo encontrar nas suas páginas a doutrina da Encarnação ou da Trindade. O Deus do AT é enfaticamente um Deus auto comunicante, em oposição a uma abstração metafísica, ou a uma Divindade remota e solitária... O Anjo do Senhor não é um mero mensageiro de Deus, um ser criado, nem é estritamente *“Yahweh”*, mas *“Yahweh”*”

numa forma particular de auto manifestação, uma revelação especial da presença divina...” [“*Hastings Encyclopedia of Religion and Ethics*” (Hastings Enciclopédia de Religião e Ética), Vol. 6, pp. 254, 255.

“Qualquer pessoa que tenha os rudimentos de um sentido histórico deve admitir que **a doutrina da Trindade, como doutrina, não fazia parte da mensagem original**. São Paulo não sabia disso e teria sido incapaz de compreender o significado dos termos usados na fórmula teológica sobre a qual a Igreja finalmente concordou” [Dr. W. R. Matthews, “*God in Christian Experience*” (Deus na Experiência Cristã”, p. 180).

Simmonds, O que você pensa de Cristo?

“Agora bem, a doutrina cristã da Encarnação é que em Cristo o lugar da personalidade humana é **substituído** pela Divina Personalidade de Deus Filho, a Segunda Persona da Santíssima Trindade, Cristo representa uma **naturalidade humana** completa sem **personalidade humana**. A Personalidade Divina, eterna e incriada, substitui n'Ele uma personalidade humana criada. A encarnação, se é uma realidade, se significa de facto o Verbo feito carne, não pode significar outra coisa. O Verbo eterno de Deus juntou a si um corpo humano e uma alma humana e é, a partir de agora, Deus e homem”.

Dr. Martin Werner, “Formation of Christian Dogma” (Formação do Dogma Cristão):

“A Igreja viu-se num dilema logo que tentou harmonizar a doutrina da Divindade de Jesus e da Divindade do Pai **com o monoteísmo**. De facto, segundo **as testemunhas do Novo Testamento (NT)**, no ensinamento de Jesus sobre o monoteísmo do AT e o judaísmo, não houve qualquer elemento de mudança. Marcos 12,29 e seguintes registam a confirmação pelo próprio Jesus, sem qualquer reserva, da suprema confissão de fé monoteísta da religião israelita na sua forma completa.... Os meios pelos quais a Igreja procurou demonstrar a concordância do seu dogma da Divindade do Pai e do Filho com o monoteísmo, permaneceram seriamente incertos e **contraditórios** (p. 241).

“Certamente não havia necessidade ou justificação para substituir, na interpretação da pessoa de Jesus, o conceito original do Messias simplesmente por uma analogia helenística como a de um ser divino redentor... De facto, era completamente inválido. Era um mito atrás do qual o Jesus histórico **desaparecia completamente**, porque não havia nada em comum entre eles” (p. 298).

Cónego Goudge da Igreja de Inglaterra:

“Quando a mentalidade grega e romana, em vez da hebraica, dominou a Igreja, ocorreu um desastre do qual nunca nos recuperámos”.

Tom Harpur sobre a Trindade [“For Christ's Sake” (Por amor de Cristo), p. 81]:

“A coisa mais embaraçosa é tentar provar a doutrina trinitária a partir de documentos do NT. Simplesmente não se pode encontrar a doutrina da Trindade exposta em qualquer parte da Bíblia. São Paulo tem a mais alta visão do papel e da pessoa de Jesus, mas em nenhum lugar ele o chama de Deus. Nem o próprio Jesus afirma explicitamente, em lado nenhum, ser a Segunda Pessoa da Trindade, totalmente igual ao Pai celeste. Como judeu piedoso, uma tal ideia tê-lo-ia chocado e ofendido. Esta pesquisa levou-me a acreditar que a grande maioria dos frequentadores regulares da igreja são, para todos os efeitos práticos, **triteístas**. Não admira que o cristianismo tenha tido sempre dificuldade em tentar converter judeus e muçulmanos. Os membros de ambas as religiões abominam tanto qualquer coisa que vá contra o seu monoteísmo, ou crença na unicidade de Deus, que um evangelho aparentemente politeísta tem pouco apelo para eles”.

“Exegetical Dictionary of the NT” (Dicionário Exegético do NT):

“Um”: **“O cristianismo primitivo adota conscientemente do judaísmo (*Deuteronomio 6:4*) a fórmula monoteísta, ‘nosso Deus é o único SENHOR’.... De acordo com *Marcos 12:29, 32*, Jesus apoia explicitamente a fórmula monoteísta judaica”.**

“*The Jewish People and Jesus Christ*” (O povo judeu e Jesus Cristo), *Jacob Jocz*, London SPCK, 1949 (p. 262):

“Um lugar para o Mestre de Nazaré na estrutura do pensamento judaico só é possível na condição de uma clara distinção entre o Cristo do dogma cristão e Jesus, o judeu histórico.... A percepção cristã de Jesus em termos da Santíssima Trindade baseia-se num trágico mal-entendido... A reabilitação do “Jesus histórico” em detrimento do Filho de Deus ortodoxo É apenas uma teologia cristã vaga e diluída que imagina ser possível chegar a um acordo com o judaísmo. Na realidade, não existe qualquer entendimento entre as duas religiões: não possuem qualquer denominador comum que possa constituir a base de uma “teologia de ligação”. O facto de *Montefiore* estar bem consciente desta dificuldade pode ser visto numa observação anterior: “O centro do ensinamento do Jesus histórico é Deus: o centro do ensinamento da Igreja é ele (isto é, o próprio Jesus). É esta atitude peculiar em relação a Jesus que separa para sempre a Igreja da Sinagoga” (p. 262).

A Unidade de Deus: “A essência do **judaísmo** é a doutrina da unidade absoluta e **inalterada de Deus**. A definição magistral do professor Moore da conceção judaica dessa unidade dificilmente pode ser superada. Ele chama-lhe “**o monoteísmo numericamente exclusivo e intransigentemente pessoal**”. Com ela, o judaísmo está de pé ou cai. De facto, a unidade absoluta do Deus de Israel, juntamente com a “*Torah*”, ou seja, a revelação deste Deus único, formam o coração e a essência do judaísmo. Todos os outros pensamentos e práticas judaicas são de importância secundária em comparação com estas duas verdades fundamentais. Este princípio vital, tal como é concebido tanto pelo judaísmo ortodoxo como pelo liberal, **opõe-se diretamente** à doutrina trinitária da Igreja cristã”. (página 265).

Dr. Leonard Hodgson:

“O cristianismo, como disse na semana passada, começou como uma religião trinitária com uma teologia **unitarista**. Surgiu no seio do judaísmo e **o monoteísmo do judaísmo era então, como ainda é, unitarista**.... Poderá o monoteísmo ser revisto para incluir a nova revelação sem deixar de ser monoteísta...? Tentarei agora mostrar que o resultado deste desenvolvimento foi uma revisão tanto da ideia teológica do monoteísmo [a ideia unitária judaica, como ele acabou de dizer, defendida por Jesus] como da ideia filosófica da unidade” [“*Christian Faith and Practice, 7 Lectures*” (Fé e Prática Cristã, 7 Palestras). *L Hodgson, D.D, Regius Professor of Divinity, 1951*].

Por isso, Jesus foi revisto! A Igreja oferece-vos uma versão revista de Jesus.

Otto Kirn, Ph.D. Th.D. Professor de Dogmática na Universidade de Leipzig

“A Trindade: A Doutrina Bíblica; os primeiros dogmáticos eram da opinião de que uma doutrina tão essencial como a Trindade não podia ser desconhecida dos homens do AT. No entanto, nenhum teólogo moderno, que distingue claramente os graus de revelação no AT e no NT, pode ter tal opinião. Só uma exegese inexata, que ignora os fundamentos mais imediatos da interpretação, pode ver referências à Trindade na forma plural do nome divino “*Elohim*” e no uso do plural em *Génesis 1:26*. ou nas frases litúrgicas dos três membros da bênção aarónica de *Números 6:24-26* e do Trisagion de *Isaías 6,3*” [“*New Schaff Herzog Encyclopedia of Religion Knowledge*” (Nova Enciclopédia Schaff Herzog do Conhecimento Religioso), 1950].

Pannenburg, “Jesus God and Man” (Jesus Deus e Homem).

“Jesus só é o que é no contexto das expectativas de Israel. Sem o pano de fundo desta tradição, Jesus nunca se teria tornado o objeto de uma cristologia. Certamente, esta ligação é também clara noutros títulos e em geral em todo o NT, especialmente na própria mensagem de Jesus. A sua mensagem só pode ser compreendida no horizonte das expectativas **apocalípticas judaicas**, e o Deus a quem Jesus chama Pai não é outro senão **o Deus do AT**. Este contexto está particularmente concentrado no título “*Christos*” ... Isto justifica a formulação do conteúdo da confissão de Jesus no início deste capítulo: Ele é o 'Cristo de Deus'” (p. 32).

[Que disparate dizer então que ele É DEUS!]

“**O monoteísmo estrito** tem sido uma das características centrais do judaísmo ao longo dos tempos” [Alan Segal, “*Two Powers in Heaven*” (Dois Poderes no Ceu), p. X].

Murray Harris: "Jesus as God: The New Testament Use of "Theos" in Reference to Jesus" (Jesus como Deus: uso de "Theos" no Novo Testamento em referência a Jesus), Baker, 1992.

"Não foi o Deus Triúno da teologia cristã que falou aos antepassados nos profetas.... **Seria inapropriado que "Elohim" [2.570 vezes] ou "Yahweh" [6.800 vezes] alguma vez se referisse à Trindade no AT quando no NT "theos" regularmente se refere apenas ao Pai, e aparentemente nunca à Trindade.** [James White diz o contrário!]

"Para os homens do NT, Deus era o Deus do AT, o Deus vivo, **uma Pessoa**, amorosa, energizante, procurando a realização de um propósito eterno de misericórdia, a satisfação da sua própria natureza amorosa. Talvez fosse mais correto dizer que o monoteísmo do AT nunca foi abstrato, porque o Deus do AT nunca foi uma conceção, nem uma substância (essência), mas sempre uma **pessoa**. De facto, a personalidade nunca tem a mera unidade de uma mónada".

[*"Dictionary of Christ and the Gospels, (DCG), Incarnation"* (Dicionário de Cristo e dos Evangelhos, (DCE), Encarnação).

"No resumo acima não foi feita nenhuma tentativa de ser exaustivo. Mas vimos que em todo o NT (ou) "theos" é tão frequentemente associado a "*kurios Yesous Christos*" e, no entanto, diferenciado dele, que o leitor é forçado a assumir que deve haver uma distinção hipostática e uma relação interpessoal entre os dois. Os próprios escritores do NT dão a chave quando falam não só de "*o theos*" (Deus) e "*Yesous*", mas também de "*Pater*" (Pai) e "*Uios*" (Filho), do Filho de Deus e do "Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo". Deus é o Pai (no sentido trinitário), Jesus é o Senhor (*1 Coríntios 8:6*). Quando "*o theos*", "*o Deus*", é usado, devemos assumir que os escritores do NT têm em mente o "*pater*" (o Pai, a menos que o contexto [duas vezes certamente] torne esse sentido de "*o theos*" impossível (nota 112, p. 47).

"Uma questão relacionada requer um breve tratamento: a quem é que os escritores do NT atribuíram a ação divina descrita no AT? Responder "o Senhor Deus" é levantar uma questão de princípio, uma vez que os autores do NT escreveram sobre os acontecimentos do AT à luz da sua compreensão trinitária de Deus. **[Mas, acima, ele disse simplesmente que Deus nunca se refere à Trindade]**. Deve ser feita uma **distinção** clara entre o **que o texto do AT significava para os seus autores e leitores e como era entendido pelos primeiros cristãos que viveram após o advento do Messias e a vinda do Espírito**.

"Certamente, quem projeta a doutrina trinitária do NT no AT, lendo o AT através dos óculos do monoteísmo trinitário dinâmico do NT, está a pensar de forma anacrónica. Por outro lado, não parece ilegítimo colocar uma questão como esta: a quem se referia o autor de *Hebreus* quando dizia (*1:1*) "Muitas vezes e de várias maneiras **falou DEUS** outrora aos nossos pais pelos profetas"? Que não era o Espírito Santo em sentido último é evidente pelo facto de nem o AT **nem o NT chamarem ao Espírito "Deus" com tantas palavras**. E, apesar do facto de o equivalente de "*YHWH*" na Septuaginta, Diz. "*kurios*", é regularmente aplicado a Jesus no NT de modo que se torna menos um título do que um nome próprio, não é possível que "*o theos*" em *Hebreus 1:1* denote Jesus Cristo, porque a mesma frase (em grego) contém "(O Deus que falou...) nestes últimos dias falou-nos num Filho (*en uio*).

"Uma vez que o autor sublinha a continuidade das duas fases do discurso divino ("Deus falou, depois falou"), **esta referência a um Filho mostra que "theos" (Deus) era entendido como "Deus Pai"**. **[Nunca ninguém disse "Deus Filho"!]**

"Da mesma forma, a diferenciação feita entre ou "*theos*" como aquele que fala em ambas as épocas [ao longo da Bíblia] e "*uios*" (Filho) como seu meio final de falar mostra que, na mente do autor, *não foi o Deus Triúno da teologia cristã que falou aos antepassados nos profetas*.

"Isto é, para o autor de *Hebreus* (como para todos os escritores do NT, pode-se sugerir) '*o Deus de nossos pais*', "*Yahweh*", não era outro senão "o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo (compare *Atos 2:30 e 2:33; 3:13 e 3:18; 3:25 e 3:26; note também 5:30*)" (nota 112, p. 47).

"No grego clássico, "*to theion*" significa frequentemente o poder ou a atividade **divina ou a natureza divina considerada genericamente**, sem referência a um deus em particular. Não parece haver nenhum caso no NT em que "*theos*" (Deus) significa simplesmente "*theion*" (= "*numen divinum*", como em *Xenofonte, Mem 1,4;18*, divindade em geral, embora tanto *Filo (Agric 17)* como *Josefo (Ant. 14:183; Bell 3:352)* usem o "*theion*" do Deus único e verdadeiro do monoteísmo de Israel em *Atos 17:29* (ver também

a leitura de D de *Atos 17:27* e o acréscimo a *Tito 1:9* em menos 460) “*to theion*” é usado para se referir à Divindade que é frequentemente representada “pela arte e imaginação do homem” (Nota de rodapé 113, p. 48).

Harris diz que “Theos” se aplica a Jesus Cristo:

Certamente em *João 1:1; 20:28*; [somente se colocar Palavra e não vocábulo].

Talvez em *João 1:18*

Possivelmente em *Atos 20:28; Hebreus 1:9*.

Karl Rahner:

“Podemos delinear os nossos resultados da seguinte forma: Em **nenhum lugar do NT** se encontra um texto com ‘*o theos*’ (Deus) que deve certamente referir-se ao Deus Trinitário como um todo existente em três Pessoas [o Deus Trinitário]. Na maioria dos textos, “*o theos*” refere-se ao Pai como uma Pessoa da Trindade ... Além disso, “*o theos*” nunca é usado no NT para falar do Espírito Santo. Nota de rodapé. Assim, por exemplo, **em todo o AT** a história da salvação é atribuída ao Deus que envia Jesus, ou seja, o Pai (*Atos 3:12-26*; comparar com *Hebreus 1:1*). Em *Atos 4:24, Efésios 3:9 e Hebreus 1:2*, o Deus que criou todas as coisas é claramente caracterizado como o Pai, em virtude da sua distinção do Filho (Servo, Cristo). Ora, se a criação e a história da salvação são atribuídas a Deus Pai, dificilmente haverá uma única afirmação sobre Deus (*ou theos*) que não esteja incluída nelas.

“Onde a Pessoa e a Natureza de Cristo devem ser afirmadas com o máximo rigor e precisão teológica, Cristo é chamado Filho de Deus... Para estes [escritores do NT] a expressão “*o theos*” era tão exata e precisa como “Pai” ... Quando, em consequência de tudo isto, dizemos que “*o theos*” na linguagem do NT significa o Pai... o que significa é que, quando o NT pensa em Deus, é a Pessoa concreta, individual, não permutável que lhe vem à mente, que é de facto o Pai e que se chama “*o theos*”; De modo que, inversamente, **quando se fala de “*o theos*” (Deus), não se vê a única natureza divina, subsistente em três hipóstases, mas a Pessoa concreta que possui a natureza divina de modo não original** e a comunica por geração eterna também a um Filho, e pela aspiração do Espírito” [*Theological Investigations*] (Investigações Teológicas), Vol. 1]

Quantas pessoas tem o Deus de Israel?

“*YHVH*, o Deus de Israel (203 vezes). *YHVH* é o Deus de Israel, quantas pessoas é Ele? Deus de Jacob (28 vezes), Deus de Abraão (17 vezes), Deus de Isaac (17 vezes). Nunca: Deus da Europa? Mas Deus dos judeus e dos gentios. Deus dos hebreus (*Êxodo 3:18; 5:3; 7:16; 9:1; 9:13; 10:3*). Nenhum desses títulos denota um Deus Triuno.

***Malaquias 2,10*: Um Deus = Um Pai.**

Professor L. Berkhof, “Sistematic Theology” (Teología Sistemática), 1969, p. 89:

“A Igreja confessa que a Trindade é um mistério que ultrapassa a compreensão do homem. A Trindade é um mistério, não simplesmente no sentido bíblico de que é uma verdade que antes estava escondida, mas que agora é revelada; mas no sentido de que o homem não pode compreendê-la e torná-la inteligível. É ininteligível em algumas das suas relações e modos de manifestação, mas **ininteligível na sua natureza** essencial. Os numerosos esforços feitos para explicar o mistério foram mais especulativos do que teológicos. Eles invariavelmente resultaram no desenvolvimento de conceições triteístas ou modalistas de Deus ... A Igreja nunca tentou explicar o mistério da Trindade, mas apenas procurou formular a doutrina da Trindade de tal modo que os erros que a ameaçavam fossem evitados”.

“*A Associated Press* de Londres noticiou, em 25 de junho de 1984, que a maioria dos bispos anglicanos entrevistados para um programa de televisão afirmou que “**os cristãos não são obrigados a acreditar que Jesus Cristo era Deus**”. O inquérito foi realizado junto de 31 dos 39 bispos de Inglaterra. O relatório afirma ainda que 19 dos 31 bispos disseram que era suficiente acreditar que Jesus era o agente supremo de Deus”. Do programa de televisão de fim de semana em Londres, Credo.

Arcebispo Ramsay da Igreja de Inglaterra: “Jesus não reivindicou a divindade para si próprio” [*Jesus and the Living Past*] (Jesus e o Passado Vivente), p. 39].

A. H. Newman sobre a Trindade:

“A Trindade é de facto uma contradição, e não apenas uma **contradição verbal, mas uma incompatibilidade nas ideias humanas transmitidas**. Dificilmente podemos chegar mais perto de uma enunciação exata dela do que dizer que **uma coisa é duas coisas**” (*Sadler's Gloria Patri* de Sadler), p. 39 (Eu: Isso é um disparate matemático!).

Dr. A.T. Hanson sobre a Trindade

“**Nenhum estudioso responsável do NT afirmaria que a doutrina da Trindade foi ensinada por Jesus, ou pregada pelos primeiros cristãos, ou conscientemente sustentada por qualquer escritor do NT**. De facto, foi lentamente elaborada no decurso dos primeiros séculos, numa tentativa de dar uma doutrina inteligível de Deus” [*The Image of the Invisible God*] (A Imagem do Deus Invisível), SCM Press, 1982].

“O facto intrigante é que os Evangelhos Sinópticos, que **como publicações são posteriores às de Paulo** e contemporâneas de Hebreus, não mostram qualquer tendência para elaborar uma doutrina da preexistência [e, portanto, de qualquer Trindade] ...

Em Hebreus, nem sequer é certo que o escritor aplique sem hesitação o nome “Filho” ao estado pré-existente. *Hebreus 1:2* poderia ser traduzido: “*Ele falou-nos nestes últimos dias como Filho, o que implicaria que a filiação só começou na encarnação*” [*The Image of the Invisible God*] (A Imagem do Deus Invisível)].

Dr. Hey, em palestra sobre a Trindade em Cambridge

“Poderia tender à moderação, e, no final, ao acordo, se fôssemos diligentes em todas as ocasiões para representar nossa própria doutrina da **Trindade como totalmente ininteligível**” [Dr. Hey, “*Lectures in Divinity*” (Palestras sobre Divindade), 2, 235].

“*Theological Dictionary of the New Testament*” (Dicionário Teológico do Novo Testamento):

“No que diz respeito ao trinitarismo em João, não há doutrina expressa da Trindade no sentido metafísico de unidade de essência e substância. O Pai, o Filho e o Espírito Santo estão formalmente inter-relacionados apenas na inautêntica ‘*Coma Johanneum*’ [uma falsificação espúria, omitida nas traduções modernas]” (Vol. V, 1003).

“*Theological Dictionary of the New Testament*” (Dicionário Teológico do Novo Testamento):

“Pelos primórdios do trinitarismo...” Veja a citação acima. [É certo que a Trindade não começou na Bíblia.] “O NT realmente não fala sobre Triunidade. **Procuramos isso em vão nas fórmulas triádicas do NT**. Os textos espanhóis do século VI são os primeiros a oferecer uma clara fórmula trinitária na chamada “*Coma Johanneum*” de *1 João 5:7* e segs. Os católicos espanhóis fizeram desta uma fórmula trinitária continuando, depois de ‘dar testemunho’... no céu, o Pai, o Verbo e o Espírito Santo, e estes três são um. Assim, importaram uma conclusão de um antigo dogma para o NT. **O próprio cristianismo primitivo, porém, ainda não tem em vista o problema da Trindade**” (Vol. 5, p. 1010).

“*New International Dictionary of New Testament Theology*” (Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento), edição do Dr. Colin Brown no “*Fuller Seminary: The Trinity*” (Seminário Fuller: A Trindade).

“O NT não contém a doutrina desenvolvida da Trindade... Que Deus e Cristo andam juntos, e que são distintos, são igualmente enfatizados, com a **precedência** em cada caso devida a Deus, o Pai, que está acima de Cristo. Não há uma afirmação dogmática estrita... Tudo isso sublinha o fato de que **o cristianismo primitivo não tinha uma doutrina explícita da Trindade, como mais tarde foi elaborada nos credos da igreja primitiva**” (Dr. J. Schneider, Prof. de Teologia em Berlim).

“*New International Dictionary of New Testament Theology*” (Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento), ed. Dr. Colin Brown.

“O NT repousa firmemente **sobre o fundamento do AT** quando fala **de Deus**. Mas as suas ênfases são novas. Ele é o Deus próximo, o Pai de Jesus Cristo que justifica livremente pela sua graça. A sua ação eleitoral destrói qualquer pretensão de exclusividade. **Mas é o mesmo Deus que se revela aqui como no AT, e cujo plano de salvação, prometido ali, se cumpre aqui. O único Deus, “ou theos”, é a designação mais frequente de Deus no NT. A Crença no único Deus (Mateus 23:9; Romanos 3:30; 1 Coríntios 8:4, 6; Gálatas 3:20; 1 Timóteo 2:5; Tiago 2:19) é uma parte estabelecida da crença primitiva. Tradição cristã. O próprio Jesus fez sua a confissão fundamental do judaísmo e citou expressamente o “Shemá” (Deuteronomio 6:4 e segs; Marcos 12:29 e segs. Compare, Mateus 22:37; Lucas 10:27). Isso garantiu a continuidade entre a Antiga e a Nova Aliança.** Pois o Deus que os cristãos adoram é o Deus dos pais (Atos 3:13; 5:30; 22:14), o Deus de Abraão, Isaque e Jacó (Atos 3:13; 7:32; compare, Mateus 22:32; Marcos 12:26; Lucas 20:37), o Deus de Israel (Mateus 15:31; Lucas 1:68; Atos 13:17: compare, 2 Coríntios 6:16; Hebreus 11:16), e o Deus de Jesus Cristo (2 Coríntios 1:3; Efésios 1:3; 1 Pedro 1:3). Assim como Deus uma vez fez de Israel Seu povo, agora Ele escolheu aqueles que creem em Cristo como raça escolhida e povo santo para Sua posse (Atos 15:14; 20:28; 1 Pedro 2:9; Hebreus 11:25)”.

“A fé está n'Ele (Romanos 4:3; Gálatas 3:6; Tito 3:8; Tiago 2:23; Hebreus 6:1; 1 Pedro 1:21), a esperança está nele. A comunidade de Jesus não pode ter falsos deuses ao seu lado, seja “Mamon” (Riquezas) (Mateus 6:24), o “ventre” (Filipenses 3:19) ou poderes cósmicos. Gálatas 4:8 e segs. Deveis servi-Lo somente, fazer a Sua vontade e permanecer fiéis a Ele” (Vol. 2).

Assim, se o “*Shema*” foi a tentativa de Deus de revelar uma unidade composta em Deus, a tentativa foi um fracasso épico. Faz muito mais sentido que Deus deu o versículo aos judeus e pretendeu que ele significasse o que os judeus dizem que significa. Além disso, os judeus não tomaram o “*Shema*” como sua principal declaração de monoteísmo porque muitos outros versículos apontavam para ele (vamos abordá-lo em breve). Em terceiro lugar, o contexto do “*Shema*” tanto no AT como no NT, apoiado pelo Âmbito das Escrituras, mostra que o “*Shema*” não diz [apenas] “Deus é ‘um’, mas diz que “*Yahweh*” é “apenas” o nosso Deus”.

“*Harper Collins Bible Dictionary*” (Dicionário Bíblico Harper Collins), pág. 865:

“Mas para Israel havia apenas um Deus, e a devoção exclusiva a este Deus único era de suma importância. Servir ou seguir outros deuses era uma ofensa capital, particularmente enfatizada em Deuteronomio e *Isaias 40-55*”. “O NT segue esta tradição, tomando como certo o monoteísmo estabelecido do judaísmo”. “No NT, as convicções monoteístas [o “*Shema*” essencial, ele acabou de dizer] do judaísmo são dadas como certas. (p. 701, “monoteísmo”). “O primeiro de todos os mandamentos segundo Jesus é o “*Shema*”, a afirmação da Unicidade de Deus” (Marcos 12:29) (p. 701) Os opositores judeus não saem criticando o cristianismo por abandonar o monoteísmo. A estreita associação de Jesus com Deus parece levar a ver o monoteísmo de forma diferente [*João 17:3* e *Marcos 12:28* e segs. contra!!]. As implicações disso ainda não foram resolvidas dentro do NT” (James Barr, Professor Distinto em Vanderbilt) “O NT segue esta tradição monoteísta tomando como certo o monoteísmo estabelecido do judaísmo. O NT não descreve opositores judeus criticando o cristianismo por reintroduzir o politeísmo” (p. 865).

“*Harper Collins Bible Dictionary*” (Dicionário Bíblico Harper Collins):

“A doutrina explícita da Trindade foi assim formulada no período post-bíblico, embora os primeiros estágios possam ser vistos no NT. As tentativas de rastrear as origens da Trindade ainda mais cedo, até o OT [Jesus acreditava no monoteísmo do OT, *Marcos 12:29; Deuteronomio 5:4!*] não podem ser apoiadas por estudos históricos críticos” e essas tentativas são leituras retrospectivas. (p. 1179) ... “A doutrina formal da Trindade, tal como definida nos concílios dos séculos IV e V, **não se encontra no NT**”.

“*Oxford Companion to the Bible*” (Companheiro de Oxford para a Bíblia):

“Como a Trindade é uma parte tão importante da doutrina cristã **posterior**, é **surpreendente** que o termo não apareça no NT. Da mesma forma, o conceito desenvolvido de três parceiros iguais na Divindade

encontrado em formulações **posteriores** do credo não pode ser claramente detetado dentro dos limites do cânon”.

[“*Trinity*” (Trindade), *Daniel Showalter*, Professor de Religião, Carthage College, WI, 1993, eds. Metzger e Coogan, p. 782.]

“Os Apóstolos não identificaram Jesus com “*Yahweh*”. Houve passagens que tornaram isso **impossível**, por exemplo, *Salmos 110:1, Malaquias 3:1*”.

“Seria precipitado concluir que São Pedro identificou Jeová com Cristo (citando o *Prof. Hort*).

(*Charles Bigg*, D.D., Professor Regius de História Eclesiástica, Universidade de Oxford, em “*International Critical Commentary on 1 Peter*” (Comentário crítico internacional sobre 1 Pedro), 1910, pp. 99, 127).

“A palavra Trindade não se encontra na Bíblia... Não encontrou um lugar formal na teologia da igreja até o século IV”.

[“*Illustrated Bible Dictionary, part 3*” (Dicionário Bíblico Ilustrado, parte 3), Intervarsity Press, Tyndale House Publishers, 1980, 1].

A Trindade “não é direta e imediatamente a Palavra de Deus” [“*New Catholic Encyclopedia*” (Nova Enciclopedia Católica), 1967, vol. XIV, pág. 304].

“Nas Escrituras ainda não há um termo único para designar as Três Pessoas Divinas juntas. A palavra “*Trias*” (da qual o latim “*Trinitas*” é uma tradução) é encontrada pela primeira vez em Teófilo de Antioquia por volta de 180 d.C. Pouco depois, aparece na sua forma latina de ‘*Trinitas*’ em *Tertuliano*”.

[“*The Catholic Encyclopedia*” (A Enciclopédia Católica), 1912, vol. 15, p. 47].

“Nenhuma conclusão precipitada pode ser tirada do uso, porque [*Tertuliano*] não aplica as palavras [que mais tarde foram aplicadas ao trinitarismo] à teologia trinitária”.

(*Michael O'Carroll*, “*Trinitas: A Theological Encyclopedia of the Holy Trinity*” (Trinitas: Uma Enciclopédia Teológica da Santíssima Trindade), 1987, pág.208).

“**A Revelação de Deus nos Evangelhos: O Pai**” do “*Hastings Dictionary of Christ and the Gospels*” (Dicionário Hastings de Cristo e dos Evangelhos):

“Nunca devemos esquecer que o **cristianismo** foi construído **sobre os fundamentos do monoteísmo judaico**. Uma longa disciplina providencial tinha assegurado ao povo judeu a sua esplêndida herança de fé no único Deus. “*Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças*”. – *Deuteronômio 6:4, 5*. Esta era **a pedra angular** da religião de Israel [e de Jesus, *Marcos 12:29*]. Estas eram talvez as palavras sagradas mais familiares aos ouvidos do judeu piedoso [incluindo Jesus]; eles eram recitados continuamente. O próprio Senhor os tinha frequentemente em Sua mente (*Mateus 22:37, Marcos 12:28, 29, Lucas 10:27*). Que Jesus sempre pensou em Deus como **o Supremo é inquestionável**. De facto, a própria ideia de paternidade, que para nosso Senhor é a concepção característica, e que é capaz de ser apresentada de uma maneira que pode enfraquecer ou ferir um verdadeiro monoteísmo, torna-se **em seu ensinamento absolutamente monoteísta** porque é absolutamente universal (*Mateus 5:45, 48; 7:11, 8:11; 10:29; Lucas 6:35, 13:29, 30; 15*). Para a mente judaica, a soberania de Deus era o pensamento natural e característico. Nos ensinamentos de nosso Senhor, a paternidade divina eclipsa e também transforma a soberania divina, mas nunca ameaça **dissolver o monoteísmo puro e esplêndido** da doutrina original.

“**Deus é o Pai universal**. Ele é, de modo muito íntimo e especial, **o Pai** dos discípulos de Jesus. Ele é, num sentido mais elevado e único, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

Verificamos, pois, **que o ensinamento de Nosso Senhor Jesus e dos Evangelhos a respeito de Deus é a união de um verdadeiro e inabalável monoteísmo**, com uma grande doutrina de mediação, segundo a qual Deus e o homem entram numa relação muito estreita na pessoa de Jesus Cristo, o Filho de Deus” [“*Trinity*” (Trindade) vol. pág. 761].

“*Hastings Encyclopedia of Religion and Ethics*” (Enciclopédia Hastings de Religião e Ética) (Judaísmo):

“Abraão, Moisés e Elias eram todos monoteístas igualmente zelosos, e em nenhum de seus sucessores houve qualquer regressão **da mais alta e pura forma de crença unitária**” (Vol. 7, p. 582).

O ponto de Marcos em *Marcos 12:28* e segs. era enfatizar a ortodoxia essencial de Jesus e a sua fidelidade à lei... A ênfase de Marcos no monoteísmo estrito do cristianismo era particularmente necessária” [Dr. D. Nineham, “*Pelican Commentary on Mark*” (Comentário Pelicano sobre Marcos), pp. 323, 327].

“*The Jewish Encyclopedia*” (A Enciclopédia Judaica):

“O judaísmo sempre foi rigorosamente **unitário**” [“*Deism*” (Deísmo), Enciclopédia Judaica, 1906].

Emil Brunner:

“O judaísmo [é] **unitário**”

[“*Dogmatics*” (Dogmática), vol. 1, p. 205.]

Richard E. Rubenstein:

“O Deus monolítico adorado pelos judeus [é adorado] por... **unitário**”

[“*When Jesus Became God*” (Quando Jesus Se Tornou Deus), 1999. p. 209.]

Bispo Beveridge:

“Os judeus... até hoje... eles ainda afirmam que **Deus é um só em pessoa**, bem como na natureza.”

[“*Private Thoughts on Religion*” (Pensamentos Privados sobre a Religião), 1829. p. 66.)

“Não havia dúvida real, pois os judeus repetiam diariamente o grande mandamento, o “*Shemá*”. Era o texto fundamental do seu **monoteísmo**, que não era uma teoria especulativa, mas uma convicção prática”. [Arthur Peake, “*A Commentary on the Bible, Mark 12:28 e segs*” (Um comentário sobre a Bíblia, *Marcos 12:28* e segs.) 1920, p. 696].

Hugh Anderson, “*New Century Bible Commentary on Mark*” (Comentário Bíblico do Novo Século sobre Marcos), p. 280. *Marcos 12:29*:

“Devemos assumir que a forma *Markan* pode ser rastreada até a tradição oral transmitida por uma Igreja **que já não recitava o “Shemá”** [!]. Mas aqui, pelo menos na sua declaração do primeiro mandamento, **Jesus está firmemente na órbita da piedade judaica**”.

[Por que não seguimos Jesus?]

“**Os unitários** eram originalmente nada menos do que **todo o corpo de cristãos** e os trinitários eram os inovadores; parecendo a princípio modestos e sinceros, como era natural, quando eram uma **pequena minoria**”.

[Joseph Priestley, “*A History of the Corruptions of Christianity*” (Uma História das Corrupções do Cristianismo), p. 334.]

“É difícil entender como e por que a reivindicação de Jesus sobre o “*Shemá*”, que não é notavelmente nem especificamente cristã [!], teria sido criada por um profeta cristão primitivo”.

[“*Commentary on Mark 8-16*” (Comentário sobre Marcos 8-16), Craig Evans, pub. Thomas Nelson [2001], p. 261).

Portanto, o ensinamento de Jesus sobre Deus não é cristão! Este é um grande abridor de olhos! Seu ponto é que as palavras gravadas de Jesus, que definem Deus, certamente devem ser genuinamente as palavras de Jesus. Mas ele se trai com sua surpreendente observação de que a afirmação de Jesus sobre o “*Shemá*” não é “nem notável nem especificamente cristã”. Este ponto não deve ser esquecido. Aparentemente, o ensinamento de Cristo sobre o **ponto mais essencial** da definição do verdadeiro Deus não é notável ou importante para nós hoje! Cristo, portanto, pode divorciar-se alegremente dos seus ensinamentos, e a Igreja pode seguir com confiança o seu caminho, ignorando a teologia de Jesus. Isso certamente aponta para uma enorme necessidade de uma reforma da Reforma, para trazer um retorno real

a Jesus, permitindo que as palavras do Salvador sejam o fator controlador de todo o ensinamento cristão. (Ver *1 Timóteo 6:3*; *2 João 7-9* para advertências apostólicas contra a perda do ensinamento de Jesus!).

Dr. James Dunn em seu recente: “*Did the First Christians Worship Jesus?*” (Os primeiros cristãos adoraram Jesus?) dá-nos razões para ter esperança de que o sistema trinitário possa reconsiderar e voltar a Jesus; na verdade, ele pode ser revivido. (O avivamento não se alcança nada menos do que um retorno revolucionário ao Evangelho e às palavras de Jesus!) O *Dr. Dunn* deve ser lido com atenção, e às vezes embota declarações claras com várias reservas e retratações, mas ele diz isso muito claramente: “Os escritores do NT são realmente muito cuidadosos neste ponto, **Jesus não é o Deus de Israel, ele não é o Pai, ele não é ‘Yahweh’**” (p. 142). Os escritores do NT “lembraram-se de que se tratava de Jesus de Nazaré, que afirmava **o mesmo credo monoteísta que eles próprios**, que proibia o culto a qualquer pessoa que não fosse Deus, e que orava a Deus como expressão da sua própria necessidade e confiança em Deus” (p. 145). “Num sentido importante, o monoteísmo cristão, para ser verdadeiramente monoteísmo, ainda tem de afirmar que só Deus, só o único Deus, deve ser adorado”. [Note que Jesus é adorado como o Messias, mas nunca como o Deus Único].

Dr. James Dunn, “*Early Christian and Jewish Monotheism*” (Monoteísmo Cristão e Judaico Primitivo): (p. 109)

A questão, então, é que Jesus é lembrado na tradição cristã primitiva não simplesmente por colocar o mandamento do amor (“ama o teu próximo como a ti mesmo”) no centro do seu ensinamento. A influência desse ensinamento sobre os primeiros cristãos é bastante clara nos escritos cristãos do primeiro século, e não há razão para negar que a inspiração para essa abordagem nos primeiros ensinamentos cristãos deve ser atribuída a Jesus. Pois uma distinção tão consistente deste mandamento (*Levítico 19:18*) dificilmente pode ser uma coincidência. Mais especificamente, recorda-se que Jesus também colocou o mandamento do amor em segundo lugar apenas em relação ao mandamento primário de amar a Deus com todo o ser (*Marcos 12:30*, paralelo). **Para Jesus, o “Shemá” era fundamental e fundamentalmente determinante de toda a orientação da vida. Não é verdade que a ética de Jesus possa ser reduzida ao amor ao próximo. Pelo contrário, a implicação é que os dois andam juntos e só podem ser possíveis na realidade a longo prazo como corolário do primeiro.**

“A conclusão é forte, então, de que o ‘*Shemá*’ [*Marcos 12:29*] continuou a ser de importância central para Jesus durante sua missão e o ensinamento que ele deu e viveu, o que também significa que a convicção de que Deus era Um continuou a ser um axioma básico para Jesus, um princípio central do qual ele tirou sua inspiração e instrução. Em outras palavras, pelo menos até esse ponto, temos de responder à pergunta “Jesus era um monoteísta?” do nosso título com uma declaração clara.

“A implicação clara do relato de *Marcos (10:18)* é que Jesus rejeitou o epíteto ‘bom’ porque, propriamente falando, só **Deus é bom**. O seu fundamento teológico é óbvio: **só Deus** é digno de tal devoção, porque só Deus é a fonte e a definição. de toda a bondade... o fundamento divino de toda a sua missão”.

Dr. James Dunn, “*Christology in the Making*” (Cristologia em Processo).

“Há sempre a possibilidade de que a superstição pagã popular se tenha tornado superstição cristã popular por uma assimilação e difusão gradual da crença ao nível da piedade popular (devemos ter o cuidado de assumir que todos os desenvolvimentos no pensamento cristão vêm dos Paulos e Joãos do cristianismo)” (1980, 1989, p. 251).

Dr. James Dunn sobre a pré-existência:

“Para evitar confusões, portanto, seria melhor falar de Cristo João como a encarnação de Deus, como Deus se dando a conhecer à carne humana, **não como a encarnação do Filho de Deus...** Falar de Cristo como Ele mesmo preexistente, vindo do céu, etc., deve ser considerado metafórico; **caso contrário, conduz inevitavelmente a algum tipo de politeísmo**”.

[Introdução à “*Christology in the Making*” (Cristologia em Processo), xxvii].

“Que o próprio Messias existia antes da criação não é dito em nenhum lugar da literatura [judaica] *tanaítica*... o nome do Messias é a ideia do Messias, ou mais precisamente a ideia de redenção através do

Messias. Esta ideia precedeu a criação” [Klausner, “*Messianic Idea*” (Ideia Messiânica), p. 460; Strack Billerbeck II, 334 e segs.; Vermes, “*Jesus*”, 138; Mowinkel, “*He That Cometh*” (Aquele que Vem), 334, 294; “*Christology in the Making*” (Cristologia em Construção)].

“*God’s begetting the Messiah*” (Deus está gerando o Messias) em IQSa. Morton Smith (NTS 5, pp. 218-224). Ver também “*The begotten Messiah*” (O Messias Gerado) de Gordis no VT 2, 1957.

Smith diz: “Mas a visão mais geralmente aceita é resumida na declaração de Black de que é uma ordem para a sessão plenária do conselho da assembleia, como será no momento do fim, quando uma refeição de pão e vinho é celebrada **quando Deus gera o messias** ou ungido de Israel. Há regras para a assembleia que estuda a “*Torá*”, caso Deus gere o Messias”.

Eu: Como pode Deus ser Jesus se fala do "nosso Deus"! É o seu próprio Deus?

“*The Only True God*” (O Único Deus Verdadeiro) de Eric Chang (online grátis: theonlytruegod.org):

“Mas o problema fundamental criado pela elevação de Jesus ao nível da Deidade é que isso cria uma situação em que há **pelo menos duas pessoas que são ambas igualmente Deus; isto coloca o trinitarismo em conflito com o monoteísmo da Bíblia...** No que diz respeito ao NT, é o trinitarismo que está em julgamento; terá de explicar por que tomou a Palavra de Deus monoteísta e a interpretou em termos politeístas, distorcendo assim completamente o seu caráter fundamental”. “Não poderia esta distorção ser a razão para o desaparecimento desastroso do “*Shemá*” da nossa vida de oração? Jesus era um judeu metucioso e monoteísta que recitava o “*Shemá*”. Redefinimos o princípio central inerente ao “*Shemá*”. Isso é válido?” (pág. 2).

“O único Deus verdadeiro para *Justino* é o Deus dos judeus e Ele é um e o mesmo que o pai de Jesus. Justin é um unitário” (Dr. Dale Tuggy, “*The Lost Early History of Unitarian Christian Theology*” (A História Perdida da Teologia Cristã Unitária), comunicação apresentada na Conferência Teológica, Atlanta [maio de 2013], 7:24-32).

O comentário do escritor sobre “*Christ and Christology*” (Cristo e a Cristologia) no “*Dictionary of the Apostolic Church*” (Dicionário da Igreja Apostólica), C. Anderson Scott, é instrutivo:

“O escritor [do Apocalipse] leva a equiparação de Cristo a Deus ao extremo de torná-los eternamente iguais. Cristo ainda é “*o princípio da criação de Deus*”, então provavelmente deve ser entendido (compare, *Colossenses 1:18*, “*é o princípio e o primogênito dentre os mortos*”; também *Colossenses 1:15*) que o próprio Cristo fez parte da criação.”^[1]

Como diz o teólogo de *Harvard F. Auer*:

“O trinitarismo do século IV não refletia com precisão os primeiros ensinamentos cristãos sobre a natureza de Deus; Era, pelo contrário, um desvio desse ensinamento. Desenvolveu-se, portanto, contra uma constante oposição unitária, ou pelo menos antitrinitária, e nunca foi completamente vitoriosa... Deve-se enfatizar que o conceito de Deus, entendido como uma personalidade única e indivisa, precede a noção nicena de uma Deidade definida como três pessoas. partilhando uma essência. O unitarismo é a norma inicial, o trinitarismo um desvio posterior desta norma. Portanto, é mais apropriado falar do trinitarismo como um movimento antiunitário do que do unitarismo como um modo antitrinitário de especulação teológica”.

(Enciclopédia Americana, 1956, vol. 27, p. 294L).

“A doutrina da Trindade não é expressamente ensinada em nenhum lugar do AT (...) No entanto, a forma plural usada para designar a Divindade no relato da criação, e muitas outras circunstâncias ou expressões incidentais, são consideradas como implicando, se não ensinando, esta doutrina. No NT é evidente que a doutrina de uma Trindade na natureza divina **é clara e abundantemente ensinada**”.

^[1] “*Lowell Institute Lectures*” (Palestras do Instituto Lowell), Boston, 1933.

(Enciclopédia Americana, Vol. 27, p. 69, 1949).

DD Mackintosh, “*Doctrine of the Person of Christ*” (Doutrina da Pessoa de Cristo), falando do Prof. S. S. Faut:

“Admitindo o caráter absoluto da redenção em que Jesus faz a mediação e, conseqüentemente, o caráter absoluto da pessoa do Mediador, ele ainda sustenta que **as dificuldades de pregar a verdadeira Divindade de Jesus são insuperáveis...** Mas se formos tão longe, na lógica [descrevendo a posição exaltada de Jesus perante o SR] devemos ir ainda mais longe e atribuir a Divindade também a Jesus de Nazaré – o que nos faz refletir. É inadequado falar do Cristo histórico como DEUS, mesmo que Ele seja o meio de revelação final. Porque esbate a interpretação da sua vida terrena; também entra em sério conflito com o monoteísmo de Jesus. **A única coisa que não ousamos fazer é criar antagonismo entre Jesus e o seu próprio credo.** É simplesmente antievangélico ofuscar o brilho claro do Evangelho com declarações dogmáticas que colidem com a confiança num só Deus, o Pai Todo-Poderoso”.

(Citado de “*Die Christologie seit Schleiermacher*”, 1901, pp. 97 e 98).

“*International Critical Commentary*” (Comentário Crítico Internacional). (*João 1-4*), 2009, p. 51

“Uma vez que a maioria dos leitores do Evangelho de João aborda o evangelho com uma firme crença no dogma niceno da Santíssima Trindade, um apelo à cautela é imperativo aqui. Aqueles que ouviram Jesus durante a sua vida [e a advertência deve aplicar-se àqueles que desejam ouvi-lo hoje] já não eram dotados de fé numa Deidade trinitária, nem aqueles que ouviram a pregação dos Apóstolos; não se tratava de ensinar às pessoas que já acreditavam numa Santíssima Trindade que uma dessas pessoas divinas se tornara um ser humano. **Nem no judaísmo nem em qualquer outro lugar há qualquer vestígio de tal crença**”.

“O sentido primário de ‘*logos*’ [palavra, *João 1:1*] é equivalente a ‘*Memra*’, a própria personificação da eterna Presença protetora de Deus (‘*Sein Ewiges Dasein*’, Sua Existência Eterna), conforme revelado em Êxodo 3:15”. (p. 30)

“*Theological Dictionary of the New Testament*” (Dicionário Teológico do Novo Testamento) (Vol. 4, pp. 133, 134) sobre “*Logos*” [palavra]:

“Jesus Cristo é a forma encarnada do ‘*Logos*’... graça e verdade são a natureza do “*Logos*” [Paulo fala de graça, verdade e “*Logos*”]. Eles são o conteúdo da revelação [QUE, o ““*Logos*”] dada em Jesus Cristo (versículo 17b), **que substitui o “*Mosaic nomos*”, a “*Torá*” [Davi também chama o “*logos da Torá*”] ... Os termos “*Logos*” e “*nomos*” são intercambiáveis no *Salmo 119*. **Declarações sobre a preexistência e majestade da “*Torá*”,** mas agora elas são intencionalmente empilhadas sobre o “*Logos*”. **Isso** foi no princípio com Deus. **Isso** foi com Deus e foi Deus, ou divino. Todas as coisas foram feitas por [através de] **ISSO**. No **ISSO** era a vida. **ISSO** era a luz do homem. Nos rabinos, são ditas teses sobre a “*Torá*”. Mas agora são declarações sobre Cristo. N'Ele, a palavra eterna de Deus e a palavra da criação, a palavra da Lei não só é transmitida (“*dá*”), mas **promulgada** (*egeneto*). [compare, o roteiro é interpretado pelo ator] “Cristo não é apenas um mestre e transmissor da “*Torá*”. Ele mesmo é a “*Torá*”, a nova “*Torá*” [para a nova criação]. O mosaísmo, que é provisório e intermediário, já passou. Em Jesus Cristo, a Palavra de Deus cumpriu-se na verdade. O que eles contemplam é o conteúdo desta verdadeira, última e única “*Torá*”: graça e verdade [assim Paulo quando fala de graça e verdade está falando da nova “*Torá*” do Messias] “Por meio do primogênito Deus criou os céus e a terra. e o primogênito é ninguém menos que a “*Torá*” (rabinos). A Natureza Divina da ““*Torá*”. A “*Torá*” é **vida**, vida para o mundo. Luz: A “*Torá*” é **luz**. O mundo está nas trevas e os seus habitantes sem luz. A “*Torá*” é a verdade...**

“Sete coisas foram criadas antes da criação do mundo, a saber, a “*Torá*”, o arrependimento, o Jardim do Éden, “*Gehena*”, o trono da glória [*Mateus 19:28*], o santuário e **o nome do Messias**”. [não o próprio Messias] **“O ser eterno da “*Torá*” estava com Deus. Ele jazia no seio de Deus enquanto Deus estava sentado no trono da glória**”.

Dr. John A. T. Robinson sobre João 17:3

“Em primeiro lugar, deve-se notar **que João é uma testemunha tão inabalável quanto qualquer outra no NT do princípio fundamental do judaísmo, do monoteísmo unitário** (*Romanos 3:30; Tiago 2:19*).

Só há um Deus verdadeiro” (João 5:44; 17:3). Todo o resto são ídolos (1 João 5:21). Na verdade, em nenhum lugar o judaísmo de João [e Jesus], que emergiu em todos os estudos recentes, é mais claro. A única exceção possível está em 1 João 5:20, onde “*Este é o verdadeiro Deus*” poderia ser gramaticalmente relacionado não ao Pai, mas às palavras imediatamente anteriores “Seu Filho Jesus Cristo, embora ‘seu’ em ‘Seu Filho’ deva se referir a ‘aquele que é verdadeiro’, isto é, Deus Pai, como em todos os outros lugares [incluindo *Malaquias 2:10*: ‘*Não temos nós todos um mesmo Pai? Não nos criou um mesmo Deus?*’].

“As ambiguidades de redação nas epístolas de João são notórias, mas acho muito difícil ser persuadido por pessoas como *Schnackenburg, Bultmann e Brown* de que é Cristo quem está sendo designado como ‘o verdadeiro Deus’ [contradizendo *João 17:3* e o resto da Bíblia!]. Estou convencido com *Westcott, Brooke e Dodd* de que o uso restante de João (particularmente “*Este é o Deus verdadeiro e a vida eterna, 1 João 5:20*” e “*E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro*” (*João 17:3*), que acredito que o primeiro ecoa deliberadamente, requer **que a referência seja ao Pai**. Há também o paralelo em 2 João 7 onde “*Este tal é o enganador e o anticristo*”. deve referir-se aos secessionistas e não às palavras imediatamente anteriores: “*Jesus Cristo veio em carne*”.

“Apesar da evidência clara no Evangelho de que Jesus rejeita a pretensão de ser Deus (10:33) ou de qualquer forma usurpa a posição do Pai, para João este não é claramente o quadro completo”.

Ele continua apontando que o “*logos*” é Deus. Mas você já disse que o Jesus de João é **unitário**. Portanto, o “*logos*” é a sabedoria/palavra de Deus e **não uma segunda Pessoa em uma Deidade Trina**. Jesus é, então, o que a palavra (não a Palavra) se tornou. Deus, o Pai, continua a ser “o único que é Deus verdadeiro”, o que exclui o Filho da Deidade, embora Jesus seja a expressão humana de Deus. **Jesus e João eram unitários**, assim como todos os judeus.

Goppelt sobre a palavra:

“O “*logos*” do prólogo [*João 1:1*] torna-se Jesus. Jesus é o “*logos*” encarnado, **não o “logos” como tal**”.

(*Teologia*, II, p. 634).

Lee Strobel: Caso de Cristo

“A verdade é que Jesus era um pouco misterioso sobre sua identidade, não era? [!!!] Ele tendia a evitar proclamar-se abertamente como o Messias ou o Filho de Deus. [*Witherington*:] Não é porque ele não se pensasse nesses termos... Se ele tivesse simplesmente anunciado “Olá, amigos, eu sou Deus”, isso teria sido ouvido como “Eu sou *Yahweh*”, porque **os judeus de sua época não tinham nenhum conceito da Trindade**. Conheciam apenas Deus Pai, a quem chamavam '*Yahweh*', e não Deus Filho ou Deus Espírito Santo”.

[Se eu dissesse 'Eu sou *Yahweh*', isso seria um anúncio claro de dois *Yahwehs*.]

Agostinho em João 17:3

Viola a Escritura, alterando as palavras da oração de Jesus para forçá-la a produzir uma Trindade:

“A ordem adequada das palavras é: ‘*que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste*’. Portanto, o Espírito Santo também é compreendido, porque Ele é o Espírito do Pai e do Filho, como o amor substancial e consubstancial de ambos. Porque o Pai e o Filho não são dois Deuses, nem o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três Deuses; **mas a própria Trindade é o único Deus verdadeiro**. E, no entanto, o Pai não é o mesmo que o Filho, nem o Filho é o mesmo que o Pai, nem o Espírito Santo é o mesmo que o Pai e o Filho; porque o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três [pessoas], mas a própria Trindade é um só Deus”.

[“*Homilias sobre João*”].

[4.300 aparições de Deus: e nenhuma delas = Deus uno e trino]

Karl Barth sobre a Trindade:

“A Bíblia carece da afirmação expressa de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são de igual essência e, portanto, no mesmo sentido, o próprio Deus. E há também a outra declaração expressa, de que Deus é Deus

assim e somente assim, isto é, como Pai, Filho e Espírito Santo. Estas duas declarações expressas, que vão **além do testemunho da Bíblia**, são o duplo conteúdo do ensinamento da Igreja sobre a Trindade”.
[“*Church Dogmatics*” (Dogmática da Igreja), I.1.437, grifo nosso.]

Donald Guthrie sobre a Trindade:

A “*New Testament Theology*” (Teologia do Novo Testamento) de orientação evangélica de *Donald Guthrie*, embora sustente que há “prenúncios” do trinitarismo no NT, é igualmente compelida a admitir que:

“Não se pode dizer que a doutrina (trinitarismo) esteja exposta. **De facto, é significativo que nenhum dos escritores do NT veja a necessidade de especular sobre tal doutrina.** Contentam-se em apresentar dados que implicam a natureza divina tanto de Cristo como do Espírito, e que naturalmente deram origem a reflexões sobre a unidade de Deus”. (pág. 122).

Dr. R. M Grant sobre “Substância”

R. M. Grant também concorda em sua discussão sobre a controvérsia trinitária que não há nenhuma menção registada da “unidade de substância” da Divindade antes da Apologia de Atenágoras [“*A Plea for the Christians*” (Um Apelo aos Cristãos)] (ca. 177 d.C.), quando pela primeira vez lemos que “o Filho de Deus é a Mente e a Palavra do Pai”, sendo este último “o Deus único que é incriado, eterno, invisível, intransponível, incompreensível, irreprimível”

[“*The Early Christian Doctrine of God*” (A Doutrina Cristã Primitiva de Deus), p. 91.]

Thomas Jefferson, presidente dos Estados Unidos, 1801-1809 (Houve cinco presidentes unitários nos Estados Unidos).

“Quando acabamos com o **jargão incompreensível** da aritmética trinitária, que três é um e um é três; quando tivermos derrubado o andaime artificial, erguido para esconder a estrutura simples de Jesus da vista; Quando, em suma, tivermos desaprendido tudo o que nos foi ensinado desde os seus dias e tivermos voltado às doutrinas puras e simples que ele inculcou, então seremos verdadeiramente e dignamente seus discípulos; e minha opinião é que, se nada tivesse sido acrescentado ao que fluía puramente de seus lábios, o mundo inteiro seria cristão hoje”.

F.F. Bruce sobre a Pré-Existência, em correspondência pessoal comigo:

“Sobre a questão da pré-existência, pode-se pelo menos aceitar a preexistência da Palavra eterna ou da **Sabedoria** de Deus **que** (quem?) encarnou-se em Jesus. Mas se algum escritor do NT acreditava em sua existência consciente separada como uma “segunda Pessoa Divina” [isto é, da Trindade] antes de sua encarnação não é tão claro. No final das contas, acho que o João sim. Não tenho tanta certeza sobre Paulo” (carta de 13 de junho de 1981).

“Paulo identifica Cristo com a palavra criadora ou **sabedoria** de Deus que certamente existiu enquanto Deus existiu” (29 de julho de 1981).

F. F. Bruce em Atos 13:33

“levantado” – isto é, elevando-o no sentido em que ressuscitou Davi (*versículo 22*). Para “*anistemi*” a este respeito, ver 3:22; 7:37; 3:26 (“Ele o levantou e o enviou para fora”). A promessa do *versículo 23*, cujo cumprimento é descrito em 13:33, tem a ver com o envio do Messias, não com a sua ressurreição (para a qual ver *versículo 24*). A adição de ‘dos mortos’ no *versículo 34* diferencia esse uso de ‘levantar’ de seu uso no *versículo 33*”.

[“*Acts of Apostles, Commentary on the Greek text*” (Atos dos Apóstolos, Comentário ao texto grego)].

Dr. Gregory Boyd sobre “*Trinity and Oneness Pentecostals ‘Trinitarians’*” (Trindade e Unicidade Pentecostais Trinitários)

Os trinitários são muito claros ao afirmar que Deus é um só: “Não pode haver dúvida de que a Bíblia ensina uniforme e inequivocamente que só existe um Deus. Certamente foi o anúncio ‘*Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR*’, que formou **a pedra angular de tudo** o que distinguia a fé do povo de Deus no AT. A mensagem da unidade e **singularidade** de Deus é repetida literalmente centenas de

vezes ao longo das páginas do AT (*Isaias 42:8; 43:10; 44:6*). **Este monoteísmo estrito** não é de forma alguma esquecido quando entramos na era do NT. Pelo contrário, **forma o pressuposto da fé centrada em Cristo articulada** no NT (*Marcos 12:29* e segs. *1 Coríntios 8:4-6; Efésios 4:4; 1 Timóteo 2:5*). Portanto, é um fato indiscutível que a Bíblia é monoteísta por toda a parte. Nenhum autor bíblico teria cogitado a ideia de que poderia haver mais de um ser supremo. Esta é a pedra angular do judaísmo antigo e contemporâneo”.

[E poderosamente confirmado e ordenado por Jesus! (*Marcos 12:29*)]

Dr. W. N Clarke, 1909, professor, Colgate University

“[No NT] não há mistério sobre a sua unidade e **nenhuma tentativa de provar que há três em um**. A palavra Trindade nunca é usada e não há indicação de que a ideia de Trindade tenha tomado forma. Há muito que é prática comum ler o NT como se nele estivessem contidas as ideias de uma época posterior sobre este assunto, mas não é esse o caso. **Nos dias dos Apóstolos, a doutrina da Trindade ainda não tinha sido criada**. Mas os materiais para isso já estavam lá, e certamente surgiria a ocasião para o crescimento da doutrina”.

“Elohim” não é uma prova de pluralidade em Deus.

Sir William Smith, “*Dictionary of the Bible*” (Dicionário da Bíblia”, “Jeová”:

“No que diz respeito a ‘*Elohim*’, muitos sustentaram que, na forma plural da palavra, a pluralidade de pessoas na Trindade foi ofuscada e, portanto, o mistério da Trindade foi inferido. Tal era, segundo Pedro da Lombardia, o verdadeiro significado de ‘*Elohim*’. Mas *Calvino, Mercer, Druso e Belarmino* deram o peso de sua autoridade contra uma explicação tão **fantasiosa e arbitrária**”.

Bispo Colenso:

“A palavra ‘*Elohim*’ é um substantivo plural; é o nome geral da Divindade na língua hebraica, e pode ser usado, conseqüentemente, para um deus pagão... **É, portanto, um grande erro pensar em provar a doutrina da Trindade, como alguns fazem, a partir do fato de que “Elohim” é um nome plural...** E como acima é usado de um ídolo, “*Dagon*” (*1 Samuel 5:7*); “*Astarte*” (*1 Reis 1:2, 3, 6*), como do verdadeiro Deus... Assim temos ‘senhores cruéis’ (*adonimos*) (*Isaias 14:4*)”.

Kitto, “*Cyclopedia of Biblical Literature*” (Ciclopédia da Literatura Bíblica”:

“Uma visão antiga é que... o uso de um substantivo plural com um verbo singular [provou] que Deus se revelou em sua palavra subsistindo na Trindade, Um, mas Três... Isso tem poucos apoiadores entre os estudiosos, e foi formalmente repudiado, por vários que estavam fortemente ligados às visões trinitárias: *Calvino, Drúcio, Buxtorf, Belarmino, Hottinger*”.

Sixtus Senensis, Bibliotheca Sanctor, bk 5, anotação. 1

“Com exceção de *Pedro da Lombardia* e *Paulo de Burgos*, não houve, entre os escritores gregos, latinos e hebreus, **um único comentarista digno de imitação que tenha explicado a palavra ‘Elohim’ [Deus] da Trindade**”.

Dr. South, um litigante na controvérsia da Trindade no final da Idade Média, na qual o Rei interveio.

[“*Consideration on the Trinity*” (Consideração sobre a Trindade)].

“Deve-se admitir que não existe tal proposição como esta, de que um mesmo Deus são três Pessoas diferentes, formalmente e em termos encontrados nos escritos sagrados, seja do AT ou do NT; nem se afirma que haja qualquer palavra do mesmo significado ou importância que a palavra Trindade, usada nas Escrituras em relação a Deus”.

Rev. Mozeley, cunhado do *Cardeal Newman*:

“Pergunto com toda a humildade: onde está a ideia da Trindade expressa com sentido e força doutrinária no NT? Onde está o Deus uno e trino para ser adorado, amado e obedecido? Onde é pregado e proclamado nesse tríplice caráter? Lemos “*Deus é um*” e “*Eu e o Pai somos um*”, mas nunca lemos que os três são um,

exceto em um texto interpolado (*1 João 5:7*). Para mim, todo este caso é extremamente doloroso e desconcertante, e eu nem sequer falaria como falo agora, se não estivesse no umbral da sepultura, que em breve estará diante do trono de toda a verdade.

“Certamente não encontramos nas Escrituras a expressão Deus Filho ou Deus Espírito Santo. Sempre que pronuncio a palavra Deus simplesmente, e em primeiro lugar, quero dizer Deus Pai, e não posso deixar de dizer isso se eu quiser dizer alguma coisa” [no NT significa Pai 1300 vezes, quando se fala de DEUS].

James Hughes, sacerdote católico romano:

“A minha crença na Trindade baseia-se **na autoridade da Igreja**: nenhuma outra autoridade é suficiente. Mostrarei agora pela razão que o credo atanasíaco e as Escrituras se opõem um ao outro. A doutrina da Trindade é esta: Há um Deus em três pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo. O Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus. O Pai é uma pessoa, o Filho é outra pessoa, e o Espírito Santo é outra pessoa. **Ora, de acordo com todos os princípios da matemática humana, aritmética, sabedoria e política, deve haver três Deuses, e ainda assim um Deus.** O credo atanasíaco dá a visão universal da Igreja de que o Pai é incriado, o Filho incriado e o Espírito Santo incriado – que existiu desde toda a eternidade. Ora, o Filho nasceu do Pai; e, se nasceu, deve ter sido criado ..., portanto, afirmar que o Filho é eterno é absurdo e um completo disparate.

“Cada um tem a sua personalidade: cada um tem a sua essência. Como, então, eles podem ser um Eterno? Como todos podem ser Deus? Um absurdo; Extravagante. Isto é rejeitado pelos arianos, socinianos, presbiterianos e por todos os homens que seguem a razão humana. O credo diz ainda que nosso Senhor Jesus Cristo é o Filho de Deus e o Filho do Homem, “não pela conversão da Trindade na carne, mas pela tomada do homem em Deus”. Agora eu pergunto: a divindade absorveu a masculinidade? Não podia ser uma pessoa e duas pessoas ao mesmo tempo. Mostrei agora que a Trindade se opõe à razão humana”.

Bispo Smallridge (anglicano) sobre a Trindade

“**É preciso reconhecer que a doutrina da Trindade, tal como proposta pelos nossos Artigos, pela nossa Liturgia e pelo nosso Credo, não nos é ensinada em tantas palavras pelas Sagradas Escrituras.** O que professamos em nossas orações não lemos em nenhum lugar das Escrituras, que o único Deus, o único Senhor, não é apenas uma pessoa, mas três pessoas em uma substância. Não há texto como este nas Escrituras; que a Unidade na Trindade e a Trindade na Unidade devem ser adoradas. Nenhum dos escritores inspirados afirmou expressamente que na Trindade ninguém é anterior ou posterior ao outro, nem é maior ou menor do que o outro”.

Atanásio sobre a Trindade:

“Estando os judeus **naquela época enganados**, e pensando que o Messias seria um mero homem da semente de Davi, então os bem-aventurados Apóstolos com grande sabedoria primeiro instruíram os judeus a respeito da humanidade de nosso Salvador.

“Todos os judeus estavam tão firmemente convencidos de que o seu Messias não passaria de um homem como eles, que os apóstolos foram obrigados a ter muita cautela na difusão da doutrina da própria divindade de Cristo”.

João de Damasco (675-749) sobre a Trindade

João de Damasco respondeu à crítica de que os ícones não são bíblicos, admitindo o fato e acrescentando que você não encontrará na Escritura a Trindade ou a “única substância” ou as duas naturezas de Cristo. Mas sabemos que essas doutrinas são verdadeiras. E assim, tendo reconhecido que os ícones e a encarnação são inovações, João continua a exortar os seus leitores a mantê-los como veneráveis tradições que nos foram transmitidas pelos pais. Se eles se perdessem, todo o evangelho seria ameaçado.

Ele adotou o argumento de João Damasco de que a Trindade deveria ser aceita simplesmente como tradição. O professor *Don Cupitt* comenta: “Ele destaca uma característica estranha do cristianismo: sua mutabilidade e **a velocidade com que as inovações passam a ser investidas de solenidade religiosa a tal ponto que qualquer um que as questione é considerado um inovador perigoso e um herege**”.

[“*Myth of God Incarnate*” (Mito de Deus Encarnado), p. 133.]

Gregório de Nazianzo (Pai Líder da Igreja) sobre o Espírito

Gregório era “o teólogo”. Nascido em 328, amigo de Basílio de Cesareia, nomeado patriarca por Teodósio, escreveu em 380:

“Dos nossos homens pensantes, alguns consideram o espírito santo como uma operação, outros como uma criatura, outros como Deus; enquanto outros não podem decidir, uma vez que as Escrituras não determinam nada sobre o assunto”.

Em 387 foi acrescentado ao Credo de Niceia: “Com o Pai e o Filho o Espírito é adorado e glorificado”. **Antes disso, o credo em 325 não tentou nenhuma definição do Espírito.**

Dr. Longley, bispo de Ripon.

“Foi a divindade de nosso bendito Senhor que, como vimos, **ele cuidadosamente escondeu, mas desejou que todos os homens a conhecessem**”.

[“*Tracts for the Times*” (Tratados para a Época), vol. 4, 80).

Richard Armstrong (1904) (Trinidade e Encarnação)

“A maioria dos professos e que se dizem cristãos, tanto neste país como no resto do mundo, tem o hábito de dizer que Jesus é Deus. É ensinado pelos credos. O inglês médio defende esta opinião de uma forma vaga e laxista. Você não pensou exatamente no que quer dizer com isso.

É por isso que ele carrega consigo quatro proposições em sua mente:

- 1) Jesus Cristo é **Deus**.
- 2) **Deus** é nosso Pai celestial.
- 3) Jesus Cristo não é nosso Pai celestial.
- 4) **Não há dois deuses**.

“No entanto, ele nunca considerou como conciliar essas quatro opiniões separadas dele. Provavelmente não lhe ocorreu que eles são inconsistentes uns com os outros... O inglês médio não se preocupou com isso”.

Dr. James Dunn sobre Lucas 1:35

“Lucas é mais explícito do que Mateus em sua afirmação da filiação divina de Jesus desde seu nascimento (1:32, 35). Mas também aqui é suficientemente claro que o que se pretende **é um gerar**, um devir, **a vir à existência** daquele que será chamado, e **será** de facto, o Filho de Deus, não a transição de um ser pré-existente para se tornar a alma de um bebê humano, ou a metamorfose de um ser divino num feto humano. A intenção de Lucas é descrever claramente o processo criativo de gerar... da mesma forma, em Atos não há sinal de cristologia pré-existente.

“Para Mateus e Lucas não havia nenhum pensamento de pré-existência ou encarnação associado ao dogma místico [sic] do nascimento virginal. **O fato é que o parto virginal e a pré-existência não podem ser conciliados**. Um ser preexistente que se torna homem é reduzido ao estado de embrião humano, mas não é concebido [nem gerado] por ação externa a ele no ventre de uma mulher. A concepção é o ponto em que se forma um indivíduo que não existia antes, pelo menos como indivíduo”.

[“*Christology in the Making*” (Cristologia em Processo), pp. 43 e 51.]

Fitzmeyer sobre Lucas [“*Anchor Bible*” (Bíblia Âncora)]

“Lucas apresenta Jesus como um judeu palestino, nascido em Belém de linhagem davídica e criado em Nazaré. Ele fala dele como “*um homem testemunhado por Deus com milagres, maravilhas e sinais que Deus fez através dele entre vós*”. Com muitas pinceladas de artista habilidoso, ele pintou um retrato de Jesus como um homem. ser humano com grande preocupação com os outros... Na cristologia de Lucas há quatro fases da existência de Cristo. A primeira começa com a sua concepção virginal... A cristologia de Lucas **não é sobre a pré-existência ou encarnação de Jesus**... Nenhum desses aspectos de sua existência emerge no retrato que Lucas faz dele... Nos dias de Jesus, o título ‘Messias’ teria denotado um tão esperado agente ungido enviado por Deus, seja na tradição davídica, real ou política, para a restauração de Israel e o triunfo do poder e domínio de Deus, ou na tradição sacerdotal. Não temos uma maneira segura de avaliar que forma essa relação teria tomado em sua própria consciência... O [conceito de Filho] de Lucas ainda não

tem as conotações posteriores de físico ou metafísico. filiação ou identidade de substância associada aos credos posteriores de Niceia ou Constantinopla. Nem filiação adotiva. A ligação explícita de Lucas do título Filho com a concepção de Jesus conota muito mais”.

Fitzmeyer em Lucas 1:35

“O Espírito Santo é entendido, no Antigo Testamento, no sentido do poder criador e ativo de Deus presente nos homens. A tradição eclesiástica posterior fez algo completamente diferente deste versículo. Justino escreveu: “*Portanto, não é justo entender o Espírito e o poder de Deus como algo diferente do Verbo, que é também o primogênito de Deus*” (*Apologia 1:33*). Nesta interpretação entendem-se as duas expressões, espírito e poder, do Segundo Membro da Trindade. No entanto, foi apenas antes do século IV que o Espírito Santo foi entendido como a terceira pessoa... Não há nenhuma evidência aqui na narrativa da infância de Lucas da pré-existência ou encarnação de Jesus. A única preocupação de Lucas é afirmar que a origem do Messias de Deus é o efeito do seu espírito criador sobre Maria” (pp. 350 e 351).

[Ele diz que os elementos da Trindade, mas não a doutrina em si, encontram-se em Lucas.]

Professor Godet, Comentário sobre Lucas 1:35: "Portanto, também o Santo Ser que nascer será chamado Filho de Deus”.

“Com a palavra, ‘*portanto*’, o anjo alude às suas palavras anteriores: ‘*Ele será chamado filho do Altíssimo*’. Poderíamos parafraseá-lo: “E foi precisamente por isso que vos disse... Temos aqui, então, da boca do próprio anjo, uma explicação autêntica do termo FILHO de DEUS, na primeira parte de sua mensagem. Depois desta explicação, Maria só pôde entender o título neste sentido: um ser humano cuja existência o próprio Deus é o autor imediato. **Não transmite a ideia de pré-existência... Mas implica mais do que o termo Messias que apenas se refere à sua missão. A palavra “*upsistou*” do Altíssimo também se refere ao termo “*Filho do Altíssimo*”, versículo 32 e explica-o:** como poderíamos atribuir algum significado sério às lutas morais na história de Jesus, tentação, por exemplo, se a sua perfeita santidade era a consequência necessária do seu nascimento milagroso? Mas não é o caso... Ao entrar assim na vida, foi colocado na condição normal do homem antes da sua queda e colocado em condições de cumprir a carreira originalmente estabelecida perante o homem, na qual deveria passar da inocência à santidade. Jesus teve de exercer a sua vontade em cada momento e dedicar-se continuamente ao serviço do bem e à tarefa que lhe foi atribuída, isto é, a observância do mandamento do Pai. **O seu nascimento milagroso em nada impediu que este conflito fosse real. Deus-lhe liberdade para não pecar, mas não lhe tirou a liberdade de pecar**” (p. 58, 1881).

Dr. John Owen sobre a Trindade:

“O que há em todo o livro de Deus que, à primeira vista, a natureza rejeita mais do que a doutrina da Trindade? Quantos ainda tropeçam e caem nele?”

[“*Divine Origin of Scriptures*” (Origem Divina das Escrituras), p. 132.]

Bispo Hurd sobre a Trindade

"Desta maneira tremendamente estupenda (o plano de redenção através do sacrifício de uma pessoa da Divindade mantida pelos trinitários) diante da qual a Razão está horrorizada e a própria Fé meio confusa, a graça de Deus foi finalmente manifestada”.

[“*Sermons at Lincoln's Inn*” (Sermões no Lincoln's Inn), 2, 17.)

Jacques Barzun, “*From Dawn to Decadence 2000*” (Do Amanhecer à Decadência 2000), p. 30

“*Lutero* disse sobre a Trindade que não acreditava nela, mas a achava verdadeira na **experiência**... *Lutero* pode ter feito mais do que alegorizar, se foi a experiência e não apenas a fé que o tornou trinitário?... *Serveto*, um médico espanhol, pagou com a vida às mãos de *Calvino* por não acreditar que três poderiam ser um simultaneamente”.

Instituto Bíblico Moody sobre a Trindade, “*Statement of Faith*” (Declaração de Fé), 1994-5:

“Deus é uma **Pessoa** que se revelou como a Trindade na unidade, Pai, Filho e Espírito Santo – três Pessoas e, no entanto, um só Deus (*Deuteronômio 6:4; Mateus 28:19; 1 Coríntios 8:6*)”.

[3x = 1x]

Os trinitários contradizem seu credo

“*Expositors Commentary on 1 Coríntios 15:27*” (Comentário dos expositores sobre *1 Coríntios 15:27*) (10: p. 286):

“Deus será reconhecido por todos como soberano e Ele – **o Deus Trino** – será supremo”. compare, *Apocalipse 22:3-5*. [“Ele” significa uma Pessoa!]

Então eles admitem que o único Deus é um Ele e não um “O quê”?

Dr. John Blanchard no “*ECHAD*”. a palavra hebraica para UM

(Eu tinha escrito a ele para questionar a ideia de que UM em hebraico significa mais de um.)

“Depois de nossa recente correspondência, recebi conselhos teológicos e acadêmicos e, parece claro que no último parágrafo da página 450 de: “*Does God Believe in Atheists?*” (Deus Crê em Ateus?) Meus comentários sobre a palavra hebraica “*echad*” são imprecisos. Estou-lhe muito grato por ter apontado isso e garanto-lhe que em futuras edições do livro o parágrafo será substituído por um que use outros argumentos de OT a favor da pluralidade do ser de “*Yahweh*”. Obrigado, novamente por evitar que esse erro em particular se perpetuasse no livro” (11 de abril de 2005).

Dra. Emily Palik sobre “um”

“Um lugar (*Gênesis 1:9*), um homem (*Gênesis 42:13*), uma lei (*Êxodo 12:49*), um lado (*Êxodo 25:12*), um cordeiro de ovelha (*Levítico 14:10*), um de seus irmãos (*Levítico 25:48*), uma vara (*Números 17:3*), uma alma (*Números 31:28*), uma dessas cidades (*Deuteronômio 4:42*), um caminho (*Deuteronômio 28:7*), um efa (*1 Samuel 1:24*), um saiu para o campo (*1 Reis 4:39*). Um pastor (*Ezequiel 37:24*), um cesto (*Jeremias 24:2*). Uma coisa (*Salmo 27:4*), duas são melhores do que uma (*Eclesiastes 4:9*), pois um ou dois dias (*Esdras 10:13*) Abraão era uma só pessoa (*Ezequiel 33:24*), um dia (*Zacarias 14:7*)”.

A Ortodoxia é Ortodoxa?

Dr. Norman Snaith, Líder Metodista:

“E eu agitarei os teus filhos, ó Sião, contra os teus filhos, ó Grécia” (*Zacarias 9:13*) surgiu pela primeira vez como um grito de guerra há muito tempo, quando alguns judeus tentaram reinterpretar o judaísmo para torná-lo mais aceitável para os modos gregos de pensar e pensar. vida. Sempre houve judeus que tentaram chegar a um acordo com o mundo gentio e, com o tempo, isso significou a morte do judaísmo para todos eles... A questão de saber se isto é correto tem de ser abordada. Nossa posição é que a reinterpretação da teologia bíblica em termos das ideias dos filósofos gregos tem sido generalizada e em toda a parte **destrutiva para a essência da fé cristã**. O **Padre Hebert** (RC) vê justamente no sistema católico uma concepção de salvação concebida em termos aristotélicos, e “uma ideia de bem-aventurança... intimamente relacionado com a ideia neoplatônica da Visão do Uno e com pouca relação com as bem-aventuranças do Evangelho”. Da mesma forma, ele vê uma tendência marcante no protestantismo contemporâneo ‘para colocar ênfase no desenvolvimento da personalidade e em um movimento humano em direção à realização de ideais éticos’. KG é visto como algo alcançado através do esforço humano.

“Se esses juízos são sólidos, e nós acreditamos que são, **então nem a teologia católica nem a protestante se baseiam na teologia bíblica. Em cada caso, temos um domínio da teologia cristã pelo pensamento grego.**

“O que fazer, então, com a Bíblia? Deve a norma e suas ideias distintivas ser consideradas como fatores determinantes na teologia cristã? Ou devemos continuar a considerar *Platão* e *Aristóteles* com seus sucessores pagãos como contribuintes para o padrão, e as principais ideias da filosofia grega como os fatores determinantes da teologia cristã, com a Bíblia como ilustrativa e confirmatória quando e onde apropriado?... Eu afirmo que não pode haver uma resposta correta para a questão do que é o cristianismo até que tenhamos

chegado a uma ideia clara **das ideias distintivas do AT e do NT e sua diferença em relação às ideias pagãs que dominaram amplamente o pensamento “cristão”**.

“Não encontramos nenhuma passagem no AT que fale sobre a imortalidade da alma, o que não é uma ideia bíblica”.

Dr. Millard Erickson, “*God in Three Persons*” (Deus em Três Pessoas) [Promovendo a Trindade]

“Há uma dificuldade fundamental que está no cerne da doutrina da Trindade; parece impossível acreditar, porque no fundo é contraditório... Temos aqui um dilema que se assemelha, em alguns aspectos, ao dilema que os cristãos enfrentam quando confrontados com o problema do mal. A verdade de uma premissa, a saber, ‘Deus é um’, parece implicar a falsidade da outra, a saber, ‘Deus é três’” (pp. 130-131).

“*Davis* examinou as principais explicações contemporâneas [da Trindade] e, tendo descoberto que elas não cumprem o que dizem, ele foi honesto ao reconhecer que sente que está lidando com um mistério. Ao fazê-lo, ele tem sido **mais sincero do que muitos de nós**, que, quando pressionados, talvez tenhamos que admitir que realmente **não sabemos de que maneira Deus é um e de que maneira diferente Ele é três**” (p. 258).

“Diz-se que a doutrina da Trindade é uma doutrina muito importante, crucial e até básica. Se esse é realmente o caso, não deveria estar em algum lugar mais claro, direto e explícito na Bíblia?... Pouca resposta direta pode ser dada a esta acusação. É improvável que qualquer texto da Escritura possa ser mostrado para ensinar a doutrina da Trindade de maneira clara, direta e inequívoca”. (pág. 109).

Erickson, “*Making Sense of the Trinity*” (Dando sentido à Trindade)

“Portanto, as passagens da **geração** devem ser consideradas como referindo-se à residência terrena de Jesus e não a uma geração eterna e contínua por parte do Pai”. (pág. 86).

“O status das proposições que formam a doutrina da Trindade não é que elas possam ser diretamente demonstradas, seja pelas Escrituras ou pela experiência. No entanto, eles fazem parte de um todo coerente, que pode ser mostrado para se encaixar bem, integrar e explicar bem os dados que se pretende reunir. Como uma explicação necessária (ou pelo menos a melhor disponível) dos dados da revelação bíblica, esta doutrina é significativa. ... **Simplemente não é possível explicar [a Trindade] de forma inequívoca**. Também pode ser necessário, a fim de transmitir o significado incomum envolvido nessa doutrina, usar o que os filósofos analíticos chamariam de “linguagem logicamente estranha”. Isso significa usar a linguagem **de tal forma que você intencionalmente cometa erros gramaticais**. É por isso que às vezes tenho dito sobre a Trindade: “**Ele é três**” ou “**Eles são um**”. Pois temos aqui um ser cuja natureza está fora da nossa compreensão habitual das pessoas, e essa natureza talvez só possa ser adequadamente expressa pelo uso de linguagem que chama a atenção para o caráter quase paradoxal dos conceitos” (pp. 267, 268, 270).

Reinhold Niebuhr, “*The Nature and Destiny of Man*” (A Natureza e o Destino do Homem), vol. 2, p. 61:

A mistura de Deus e do homem é um “**disparate lógico**”.

John Hick, “*The Myth of God Incarnate*” (O Mito de Deus Encarnado), 1977, p. 35:

“A simples equação ‘Jesus = Deus’ não só não representa o que a tradição cristã tem afirmado, como é claramente bizarra. Reduzir todo Deus a uma encarnação humana é praticamente inconcebível”.

O apóstolo Pedro sobre Jesus

“*Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*” (*Mateus 16:16-18*)

O apóstolo João sobre Jesus

“*Estes, porém, foram escritos [o Evangelho de João] para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus*” (*João 20:31*).

Dr. Dornier sobre os defeitos da trindade

“Deve-se admitir, é claro, que a doutrina da Trindade, tal como estabelecida até mesmo pelos padres nicenos, deixa muito a desejar. Em um ponto, especialmente, isto é, que o Pai é representado não apenas como o início lógico do processo trinitário, mas muitas vezes como a raiz e fonte de toda a Divindade e

identificado com as *Monas*. Adquire assim uma predominância que implica necessariamente a subordinação do Filho e do Espírito.

“O segundo defeito é que esses mestres [nicenos] determinam o que é ‘hipóstase’ mais negativamente do que positivamente. Mas quando a ideia do Pai sofredor (*patripassionismo*) foi rejeitada, surgiu naturalmente a pergunta: como determinar a natureza da distinção **entre o Deus que se fez homem e o Deus que não se fez homem**, sem destruir a unidade de Deus? por um lado, ou interferindo na cristologia, por outro. Nem o Concílio de Niceia nem os Padres da Igreja do século IV responderam satisfatoriamente a esta pergunta. Através de suas obras, a concepção panteísta e deísta de Deus e o erro pagão e judaico foram excluídos... o Como a procissão do Filho e do Espírito é imperscrutável” [*Person of Christ*] (Pessoa de Cristo), Div. 1, vol. II, pp. 327, 330-331].
Enciclopédia Britânica, 1949

Unitarismo. “É geralmente admitido que, embora possa não ser correto falar do cristianismo durante os primeiros dois ou três séculos como substancialmente unitário, pelo menos não era trinitário. Foi esta crença generalizada de que Jesus era um homem que *Arrio* estava tentando salvar em seu conflito com *Atanásio*... aqueles que se agarravam à humanidade simples de Jesus eram geralmente submetidos a uma perseguição amarga. Mais tarde, durante a Reforma, *Serveto* foi queimado em Genebra por instigação direta de *Calvino* pelo pecado de escrever (1531) “erros da Trindade”. O *bispo Mant* em sua História da Irlanda regista que, em 1326, em Dublin, **um Adam Duff foi queimado vivo por negar a Trindade**. Em 1551, *George Van Parris* foi queimado vivo pelo mesmo crime. *Martinho Cellarius* (1499-1564), amigo íntimo de *Lutero*, escrevera contra a Trindade; e *Ludwig Haetzer*, cujas opiniões só foram reveladas após sua execução pelo anabatismo em 1529. *Serveto* foi o primeiro a colocar a questão diretamente ao mundo; ; “*Your Trinity*” (Tua Trindade), escreveu ele, “é o produto da subtileza e da loucura. O Evangelho nada sabe disto. Os pais mais velhos não sabem. É da escola dos sofistas gregos que tu, Atanásio, príncipe dos triteístas, pegaste emprestado”.

Professor Loofs sobre a Trindade

“A ortodoxia **não pode dizer o que significa estritamente ‘gerar’** no caso do Filho. Diz-se que a Trindade é o Deus Único de “*Ouve, ó Israel*”. [Segundo a ortodoxia] Ele não é uma personalidade humana do que o Filho de Deus. assumiu... O sujeito divino na vida de Cristo, propriamente falando, não sofreu nem morreu.

“Quero começar por afirmar abertamente que não posso sustentar esta velha cristologia. **1)** Para a lógica racional é bastante insustentável. **2)** Discorda do NT. **3)** Podemos mostrar que ele foi influenciado por concepções antiquadas da filosofia grega... A razão não pode aprovar pensamentos irremediavelmente contraditórios.

“É doutrina ortodoxa que o Filho de Deus encarnado conservou a natureza humana que assumira, mesmo depois da ascensão. A unidade da Trindade dissolve-se após a Encarnação. A Trindade tornou-se algo diferente depois da Encarnação do que era antes.

“**A crítica à cristologia ortodoxa que descrevi não é propriedade de alguns. Até certo ponto, pode ser considerado como geralmente reconhecido por toda a teologia protestante alemã dos dias atuais (1911) ...** Atualmente, todos os teólogos protestantes eruditos da Alemanha admitem unanimemente que a cristologia ortodoxa não faz justiça à vida verdadeiramente humana de Jesus e que a doutrina ortodoxa das duas naturezas em Cristo não pode ser preservada em sua forma tradicional. Todos os nossos teólogos sistemáticos ... procuram novos caminhos na sua cristologia. [*“What is the Truth about Jesus Christ?”*] (Qual é a Verdade sobre Jesus Cristo) pág., 165, 202-3].

Dr. Edwin Hatch. “*The Influence of Greek Ideas on Christianity*” (A Influência das Ideias Gregas no Cristianismo), 1888

“Não me proponho deter-me na triste e cansada história do modo como durante mais de um século estas distinções metafísicas [*ousia* e *hipóstase*] formaram as palavras de ordem dos partidos políticos e eclesiásticos – das lutas e assassinatos, da devastação de belos campos, da chama e da espada a ela ligadas.

“Estes males resultaram, em grande parte, de um facto permanentemente desastroso na história cristã: a interferência do Estado, que deu os decretos dos concílios sancionando as resoluções da maioria sobre os assuntos mais profundos da especulação humana à categoria fictícia de leis que devem ser aceites sob pena de confisco, banimento ou morte” (p. 280).

Professor Colin Brown, Seminário Fuller, Califórnia

“O título ‘Filho de Deus’ não é em si mesmo uma designação de divindade pessoal ou uma expressão de distinções metafísicas dentro da Deidade. De facto, para ser um ‘Filho de Deus’ tem de ser um ser que não é Deus”.

“É comum, mas flagrante, uma interpretação errada do evangelho de João lê-lo como dizendo: 'No princípio era o Filho, e o Filho estava com Deus, e o Filho era Deus'. O que aconteceu aqui foi a substituição da palavra (*logos*) pelo Filho, e o Filho é assim feito membro da Divindade que existiu desde o princípio” [“*Trinity and Incarnation*” (Trindade e Encarnação), *Ex Auditu*, 7, 1991].

Colin Brown e os Unitários:

“Eu pensei que você apreciaria saber que o *Dr. Colin Brown* lhe deu [AB] uma menção honrosa em sala de aula no outro dia. Ele comentou brevemente sobre como o NT não estabelece um credo trinitário e que há alguns estudiosos que não seguem a iniciativa da igreja primitiva de estabelecer tal doutrina. Mencionou um desses académicos com quem tem uma amizade calorosa, que ensina em Atlanta, um inglês como ele: você”. (27 de março de 2007).

Professor Mackey fala sobre a pré-existência

“É melhor começar com o problema da pré-existência, não só porque há dificuldades linguísticas aqui, mas porque leva diretamente às principais dificuldades encontradas em toda a teologia encarnada e trinitária. Assim que recuamos na sugestão de que algo pode pré-existir em si mesmo, devemos perguntar o que exatamente pré-existe o que mais, e em que sentido o faz.

“Não é preciso ser um sistematista com um extraordinário grau de discernimento para perceber como os próprios exegetas são inconscientemente vítimas, no decurso do seu trabalho mais profissional, de pressupostos sistemáticos bastante dogmáticos (isto é, acríticos)” [“*The Christian Experience of God as Trinity*” (A Experiência Cristã de Deus como Trindade), p. 51].

Dr. Simon Gathercole, “*The Preexistent Son*” (O Filho Preexistente), 2006

[O facto de não haver preexistência nos Sinóticos representaria certamente **a opinião maioritária dos comentadores.**]

“*Raymond Brown* aponta a diferença fundamental entre o nascimento virgem e a pré-existência. Na cristologia da pré-existência, a concepção não pode ser uma geração real. Para *Kuschel*, a ausência de preexistência é praticamente determinada pela presença da concepção virginal...

“*In preexistence Christology*” (Na cristologia pré-existente), é a pessoa de Jesus que é contínua com o pré-existente” (pp. 9, 41).

[Isto significa que nenhuma nova pessoa surgiu em Maria, eliminando assim o Filho de Davi/Filho de Deus/Novo Adão/Nova Criação.]

Dr. H.R. Mackintosh sobre a pré-existência

“Não devemos hesitar em confessar que a preexistência de Cristo ultrapassa a nossa faculdade de concepção, e que nenhum refinamento teórico altera minimamente isso. Afinal, Cristo não pode ser preexistente em nenhum sentido, exceto que o próprio Deus é preexistente em relação à encarnação. Quando falamos do pré-existente, qual é, como dizem os lógicos, o sujeito do discurso? Quem pré-existe? Não o Jesus histórico, exatamente como é conhecido nos Evangelhos. A igreja nunca afirmou que a humanidade de Cristo era real antes do nascimento em Belém [note como Jesus foi reduzido à 'natureza humana', que NÃO é o Filho de Davi e, portanto, não é o Messias] ... Estas são algumas das perplexidades que encontramos no esforço de extrair da história o conteúdo do “Pré-existente”.

“E se tais problemas desconcertantes se acumulam em torno dele, o ser pré-temporal do Filho certamente não pode ser um dado para a fé [mas você pode ser excomungado por não acreditar nela hoje!]” [“*The Person of Jesus Christ*” (A Pessoa de Jesus Cristo), 1912, pp. 457-8].

Dr. A Reville, “*History of the Dogma of the Deity of Christ*” (História do Dogma da Divindade de Cristo), 1905

O Evangelho dos Hebreus fez do espírito santo a mãe de Jesus. “Minha Mãe, o Espírito Santo”, Jesus é feito para dizer. Para os escritores do NT, Jesus não era menos um homem, mas um homem nascido milagrosamente. **Nenhum pensamento de pré-existência ou encarnação estava associado em suas mentes à doutrina do nascimento virginal.** O facto é que as duas ideias não podem ser conciliadas.

“Um ser preexistente que se torna homem reduz-se, se quisermos, ao estado de embrião humano; mas não é concebido por uma ação externa a ele no ventre de uma mulher. A concepção é o ponto em que se forma um indivíduo que não existia antes, pelo menos como indivíduo”.

Dr. Hanz Schwartz, “*Christology*” (Cristologia)

“A pré-existência não deve ser interpretada como significando que Jesus esperou em algum reino celestial até que o tempo ‘chegasse totalmente’ e ele pudesse se encarnar. Como indica a analogia e mesmo a intercambiabilidade de ‘logos’, ‘sophia’ e Jesus, a pré-existência não implica uma **pessoa** preexistente, mas a certeza e a insistência de que o que apareceu na forma humana de Jesus de Nazaré era realmente de origem divina e tinha ocorrido com a sanção divina” (p. 236).

“*Dicionário Bíblico Hastings sobre Miquéias 5:2*”:

“A referência à remota antiguidade de onde data a origem do Messias... *Deuteronomio 32:7* mostra que este é o significado de ‘y'me olam’ (não ‘dias de eternidade’, como se se falasse da eterna preexistência do Messias)” (Vol. 5, p. 696).

“*New International Dictionary of Old Testament Theology and Exegesis*” (Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento)

Miquéias 5:2 anuncia a vinda de um Rei Messiânico de Belém, cuja origem foi “desde o princípio, desde os dias da eternidade”. Aqui, a frase poderia muito bem referir-se aos dias imaculados da monarquia davídica (como sugere a referência a Belém, a cidade natal de Davi. Provavelmente expressa a esperança do novo Davi que assumiria o controle da monarquia decrépita e restauraria a glória de Israel (Compare, *Ezequiel 34:23, 24; 37:24, 25*. Embora seja tentador ver aqui uma referência à eterna pré-existência do Messias, nenhuma ideia desse tipo é encontrada na literatura judaica bíblica ou post-bíblica anterior à época das semelhanças de Enoque, século 1 a.C. – século 1 d.C. (*1 Enoque 48:2-6*) *Joel 2:2* diz que o Dia do Senhor é tal como “nunca foi”, A frase significa, essencialmente, que nunca existiu.) um dia como o último” (Vol. 3, p. 347):

Dr. Dean Inge

“O estudo inteligente do cristianismo é impossível sem o conhecimento da religião grega e romana. Geralmente assumimos que há uma linha ininterrupta de continuidade entre a religião dos judeus e a nossa, e que não há uma linha entre paganismo e cristianismo. Mas a verdade é exatamente o contrário...”

“A Igreja Católica foi a última realização criativa da antiguidade clássica; deve muito mais à Grécia e a Roma do que à Palestina... A ética cristã é uma mistura de ensinamentos platônicos e estoicos sobre a boa vida” [“*Lay Thoughts of a Dean*” (Pensamentos leigos de um decano)].

Marcelo de Ancira sobre a Trindade

Com base numa obra de *Valentim*, intitulada “*On the Three Natures*” (Sobre as Três Naturezas), Marcelo afirmou que este último foi o primeiro a conceber uma trindade constituída por Pai, Filho e Espírito Santo (*Sal. Anthimus, de sancta ecclesia*, 9 = Valentinus frag 9) [*listair Logan*, “*Gnostic Truth and Christian Heresy*” (Verdade Gnóstica e Heresia Cristã), 1996, p. 60).

Marcelo de Ancira escreveu: “Agora, com a heresia dos maníacos arianos, que corrompeu a Igreja de Deus... Eles então ensinam três hipóstases, assim como o ‘heresiarca’ *Valentino* inventou pela primeira vez no livro intitulado “*On the Three Natures*” (Sobre as Três Naturezas). Pois ele foi o primeiro a inventar três hipóstases e três pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e descobre-se que ele a roubou de Hermes e Platão”.

(*Logan A. Marcellus de Ancyra* (Pseudo-Anthimus), “*On the Holy Church*” (Sobre a Santa Igreja): Texto, Tradução e Comentário. *Versículos 8-9*. Revista de Estudos Teológicos, NS, vol. 51, pt. 1, abril de 2000, p. 95).

Dr. Alistair Logan sobre a Trindade

“Só faria sentido para alguns gnósticos, que se dizem cristãos e evidentemente influenciados pelo Quarto Evangelho e sua comunidade, compor uma obra pseudográfica em nome de João, filho de Zebedeu, quando o Evangelho se tornou aceito na Grande Igreja, isto é, no tempo de *Ireneu* e *Teófilo*. A próxima etapa de **adicionar a história do quadro**, desenvolvendo o esquema *pronoia-epinoia* com seu hino *pronoia* final... data do último quartel do século II” (p. 44).

[Observe que o quadro da história envolve colocar a imagem em um novo quadro – ressignificando a teologia de João como os apócrifos de João, Jesus falando pessoalmente com João. Compor uma nova história, ou enredo, assim como O Código Da Vinci compõe uma nova trama, alterando drasticamente a história].

“*Strong’s Concordance on Logos*” (Concordância de Strong em *Logos*)

3056 logos (log'-os), palavra

“**Significado:** 1) da fala 1a) uma palavra, dita por uma voz viva, incorpora uma concepção ou ideia 1b) o que alguém disse 1b1) uma palavra 1b2) os ditos de Deus 1b3) decreto, ordem ou comando 1b4) dos preceitos morais dados por Deus 1b5) profecia do Antigo Testamento dada pelos profetas 1b6) o que é declarado, um pensamento, uma declaração, um aforismo, um ditado pesado, um ditado, uma máxima 1c) discurso 1c1) o ato de falar, fala 1c2) a faculdade de falar, habilidade e prática em falar 1c3) um tipo ou estilo de fala 1c4) um discurso contínuo - instrução 1d) doutrina, ensino 1e) tudo o que é informado na fala; uma narrativa, narrativa 1f) matéria em disputa, coisa que está sendo falada, questão, matéria em disputa, caso, ação judicial 1g) a coisa que está sendo falada ou falada; evento, ação 2) seu uso em relação à MENTE apenas 2a) razão, a faculdade mental de pensar, meditar, raciocinar, calcular 2b) contar, ou seja, consideração, consideração 2c) contar, ou seja, cálculo, pontuação 2d) contar, ou seja, responder ou explicar em referência ao julgamento 2e) relação, ou seja, com quem nós, como juiz, estamos em relação 2e1) razão seria 2f) razão, 3) Em João, denota a Palavra essencial de Deus, Jesus Cristo, sabedoria pessoal e poder em união com Deus, seu ministro na criação e governo do universo, causa de toda a vida do mundo, tanto física como ética, que para obter a salvação do homem **revestiu-se da natureza humana** na pessoa de Jesus, o Messias, a segunda pessoa na Trindade, e brilhou visivelmente em Suas palavras e atos”.

“*Strong’s on God*” (O forte está em Deus” (*theos*)

2316 theos {theh'-os}

“**Significado:** 1) um deus ou deusa, um nome geral de divindades ou divindades 2) a Deidade, a trindade [nenhum versículo fornecido!]. 2a) Deus Pai, a primeira pessoa da trindade 2b) Cristo, a segunda pessoa da trindade 2c) Espírito Santo, a terceira pessoa da trindade 3) fala do único Deus verdadeiro 3a) refere-se às coisas de Deus 3b) seus conselhos, interesses, coisas que lhe dizem respeito 4) qualquer coisa que possa de alguma forma ser como Deus, ou assemelhar-se a ele de alguma forma 4a) representante de Deus ou vice-regente 4a1) de magistrados e juizes

“**Origem:** de afinidade incerta; uma divindade, especialmente (com 3588) a suprema Divindade; TDNT – 3:65.322; nm.”

Strong’s em ADON (senhor)

113 ‘adown’ {aw-done} ou (abreviado) ‘adon’ {aw-done}

“**Significado:** 1) firme, forte, senhor, mestre 1a) senhor, mestre 1a1) referência aos homens 1a1a) supervisor da casa, dos negócios 1a1b) mestre 1a1c) rei 1a2) referência a Deus 1a2a) Senhor dos senhores 1a2b) Senhor de toda a terra 1b) senhores, reis 1b1) referência aos homens 1b1a) dono da colina de Samaria 1b1b) mestre 1b1c) marido 1b1d) profeta 1b1e) governador 1b1f) príncipe 1b1g) rei 1b2) referência a Deus 1b2a) Senhor dos senhores (provavelmente) = “seu marido, *Yahweh*”) 1c) meu senhor, meu mestre 1c1) referência aos homens 1c1a) professor 1c1b) marido 1c1c) profeta 1c1d) príncipe 1c1e) rei 1c1f) pai 1c1g) Moisés 1c1h) sacerdote 1c1i) anjo teofânico 1c1j) capitão 1c1k) reconhecimento geral da superioridade 1c2) referência a Deus 1c2a) meu Senhor, meu Senhor e meu Deus 1c2b) *Adonai* (paralelo com *Yahweh*)”

“**Origem:** de uma raiz não utilizada (que significa governar); DOIS - 27 ter; Novo México

“**Uso:** AV – Senhor 197, Mestre(s) 105, Senhor (Lord) 31, Proprietário 1, Senhor (Sir) 1; 335”.

Notas da NAB sobre o *Salmo 110:1*

“[*Salmo 110*] Um salmo real em que um cantor da corte recita três oráculos em que Deus assegura ao rei que seus inimigos são vencidos (*Salmo 110:1. 2*), faz do rei um “filho” na língua tradicional de adoção (*Salmo 110:3*), concede status sacerdotal ao rei e promete estar com ele em futuros empreendimentos militares (*Salmo 110:4-7*). <2> O Senhor diz-vos, meu senhor: literalmente, “*O Senhor disse ao meu senhor*”, uma maneira educada de se dirigir a um inferior a um superior. Compare, *1 Samuel 25:25; 2 Samuel 1:10*. O cantor da corte refere-se ao rei. Jesus nos evangelhos sinóticos (*Mateus 22:41-46* e paralelos) toma o salmista como Davi e, portanto, “meu senhor”, refere-se ao Messias, que deve ser alguém maior do que Davi. Teu banquinho: nos tempos antigos, reis vitoriosos punham os pés nos corpos prostrados de seus inimigos”.

J. Skinner, D. observou em 1902 em seu “*Cambridge Commentary for Schools and Colleges*” (Comentário de Cambridge para escolas e institutos):

Isaías 49:14. 'meu Senhor', melhor como KJV, o Senhor. A palavra quando apontada aqui (*ADONAI*) sempre equivale a “*Yahweh*”. A sugestão de que poderia ser usado no sentido de marido (*Gênesis 18:12*) exigiria uma vocalização diferente (*ADONI*)” (p. 94).

Robert Morey, “*Jesus Is God*” (Jesus e Deus) (1983) não sabe ler hebraico!

“A referência de Jesus era ao frequentemente citado *Salmo 110:1*, facilmente reconhecido pelos judeus de sua época como davídico e messiânico, onde o rei Davi chamava Cristo de ‘meu Senhor’, usando um dos nomes da Divindade, ‘*Adonai*’”. (pág. 321) [O texto NÃO diz ‘*Adonai*’!]

“O ‘Messias’ não era simplesmente o filho de Davi segundo a carne por descendência genealógica, mas ele era o Filho de Deus na eternidade passada – um conhecido, amado e reconhecido por Davi...”

“A propósito, observe a referência trinitária nesta passagem: Jeová, *Adonai*, Espírito!” (pág. 321).

Strong está em gennao, gerar, procriar

“**Significado:** 1) dos homens que geraram filhos 1a) nascer 1b) gerar 1b1) das mulheres que dão à luz filhos 2) metáfora 2a) gerar, educar, excitar 2b) no sentido judaico, de alguém que traz outros ao seu modo de vida, converter alguém 2c) de Deus fazendo de Cristo seu filho 2d) de Deus fazendo dos homens seus filhos pela fé na obra de Cristo

“**Origem:** a partir de uma variação de 1085; TDNT - 1:665.114; v

“**Uso:** AV – gerou 49, nasceu 39, deu à luz 2, sexo 2, deu à luz 1, foi entregue 1, miscelânea 3; 97”

5685 Tempo – Aorista (Ver 5777) Voz – Passivo (Ver 5786) Modo – Participio (Ver 5796) Contagem – 215

1080 *Gennao* {Ghen-no'-O}.

“**Geneva Bible Notes**” (Notas Bíblicas de Genebra):

Mateus 1:20: “E, projetando ele isto, eis que em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas (1) receber a Maria, tua (2) mulher, porque o que nela está (3) gerado é do Espírito Santo”.

“**Young’s Literal Translation: Matthew 1:20**” (Tradução literal de Young: *Mateus 1:20*)

“E enquanto pensava nestas coisas, eis que um mensageiro do Senhor lhe apareceu em sonho, e lhe disse: José, filho de Davi, não teme receber Maria, tua mulher; porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo”.

Darby, “*Matthew 1:20*” (Mateus 1:20):

“Mas, enquanto meditava sobre estas coisas, eis que um anjo **do** Senhor lhe apareceu em sonho, dizendo: José, filho de Davi, não tenhas medo de receber Maria, tua mulher; porque o que nela é **gerado** é **do** Espírito Santo”.

Thayer’s Lexicon on ‘gennao’ “O léxico de Thayer em ‘gennao’”

“Passiva, a ser gerada: ‘en aute gennethen’ ‘aquilo que é **gerado** em seu ventre’, Mateus 1:20”.

“**Bauer’s Lexicon** on ‘gennao’” (O léxico de Bauer sobre ‘gennao’)

1624 gennao

Ver *A Rahlfs, Genesis 1926*, 39. Gerar, trazer algo à existência, principalmente através da procriação ou do parto.

1. Torne-se pai de..., gerar.

“**Liddell and Scott** on ‘gennao’” “Liddell e Scott em ‘gennao’”

8263 gennao

Gennao, Causa de ‘gignomai’. do pai, gerar, gerar, ‘Aesch’, ‘Soph’.; raramente da mãe, para dar à luz, ‘Aesch’-

“**German** on *1 John 5:18*” (Alemão sobre 1 João 5:18): Münchener NT, 1998

MNT *1 João 5:18* Wir wissen, daß jeder aus Gott Gezeugte nicht sündigt, sondern der aus Gott **Gezeugte** bewahrt ihn, und der Böse berührt ihn nicht. [“O gerado, Jesus, protege-o, o crente”].

A minha pergunta à Dra. Paula Fredriksen

“Li seu interessante relato sobre o cristianismo primitivo e aprendi muito com suas pesquisas e escritos vigorosos. Tenho uma observação sobre um ponto que me incomodou como professor do NT e das línguas bíblicas. Você diz na página 139 que o *Salmo 110:1* se refere ao Messias como ‘Adonai’. Mas, na realidade, não é esse o caso. Em hebraico não é o título divino ‘Adonai’, Senhor Deus, mas ‘adoni’, meu senhor, KJV, RSV, etc. Parece-me que esta é uma questão crucial, uma vez que os primeiros cristãos não pensavam em Jesus como Senhor. Deus, como ‘kurios = Yahweh’, mas como o senhor humano *Messias* (*Lucas 2:11*) ‘Adon’ em oposição a ‘Adonai’, não é o título divino em todas as suas 195 aparições”.

Resposta de Dra. Frederiksen

“Obrigado por esta nota. Acabei de pegar minha Bíblia judaica. Tem toda a razão. Cometi um erro. Minha transliteração em inglês está incorreta (também enganosa) e vou aproveitar o seu aviso para corrigi-lo na próxima impressão. Estou-lhe muitíssimo grato por me ter informado a este respeito. Todos dependemos uns dos outros. Atenciosamente, agradecida”.

“**The ‘Torah’ of Christ**” (A ‘Torá’ de Cristo) (*Gálatas 6:2; 1 Coríntios 9:21*)

“Nos círculos rabínicos falava-se da ‘Torá’ do Messias... uma nova interpretação da Antiga ‘Torá’, não uma supressão dela, mas, em certo sentido, uma nova ‘Torá’: “*Midrash sobre Qoh*” (*Eclesiastes*) *11:8*: “A ‘Torá’ que um homem aprende neste mundo não é nada comparada à ‘Torá’ do Messias” (*Strack-Billerbeck*, Vol. 3, p. 577)

Prof. Dale Brown do Seminário Betânia, sobre *A Fé Abraâmica*

“É uma honra ter tido o privilégio de trabalhar com um aluno que edita uma revista de substância e dicção e estilo impecáveis. O que você e sua igreja juntaram como teologia faz cada vez mais sentido para mim.

“Pergunto-me se o seu [*Journal from the Radical Reformation*] (Jornal da Reforma Radical) está a receber as críticas e a leitura que merece. Pergunto-me qual será a natureza do diálogo, se for caso disso, que ele poderá ter com os liberais unitários. A hermenêutica revista do pré-milenismo é profética e útil para muitos enraizados ou atraídos pela tradição chiliástica” (4 de agosto de 1992).

“**Henry Alford on 2 Pedro 1:2**” (*Henry Alford sobre 2 Pedro 1:2*)

“Certamente, como em *Tito 2:13*, em estrita propriedade gramatical, tanto Deus quanto o Salvador seriam predicados de Jesus Cristo. Mas aqui, como também em *Tito 2:13*, interpõem-se considerações que parecem eliminar a interpretação gramatical estrita do alcance do significado provável.

“Em *2 Pedro 1:1* creio que Deus se refere ao Pai e o Salvador Jesus Cristo ao Filho. Aqui está uma consideração adicional em favor da visão de que os dois são mais claramente distinguidos no próximo versículo”.

Dr. John Meagher (três doutorados)

“Acho relevante para mim dizer que sou professor de teologia e NT em uma instituição católica romana... e que acredito que sua publicação “*Focus on the Kingdom*” é teologicamente importante, por mais que possa ser negligenciada pelo setor que represento. Vós abordais questões radicalmente importantes na teologia cristã que são inteiramente apropriadas porque, de facto, o exercício teológico é apenas adolescente e necessita de mais orientação. Acho que ele está fazendo um bom trabalho que espero que eventualmente tenha um impacto na tradição da minha própria igreja. Há muito trabalho a ser feito antes que possamos, coletivamente, pensar claramente, e estou feliz que a honestidade de sua revista sobre essas coisas seja tão inabalável. O que está a fazer parece-me ser um contributo muito importante. E eu agradeço”. (2002)

Adoração

“Às vezes, Cristo era adorado e orado. Este assunto tem alguma imprecisão, em parte devido aos dois sentidos do grego ‘*Proskuneo*’.

“Não se pode provar em nenhum dos casos em que se usa o ‘*Proskuneo*’ de Jesus que se pretende algo mais do que um ato de homenagem e humilde reverência. *Josefo* usa a palavra dos Sumos Sacerdotes (BJ, iv 5.2) ... O ato físico de se prostrar com profunda humildade e prestar grande honra é tudo o que pode significar... As orações dos santos são apresentadas a ele (*Apocalipse 5:8*) e cânticos são cantados em sua honra (9, 11, 12). *2 Coríntios 12:8*, *9 Paulo* fala em orar a Cristo (Senhor).” (HDB, vol. 4, p. 943, *W.F. Adeney*).

William Barclay sobre “O Jesus Humano de João”:

“O sangue na cruz foi a prova final e incontestável [para João] de que Jesus era um homem real com um corpo real. Aqui estava a resposta para os gnósticos com suas ideias de fantasmas, espíritos e masculinidade irreal. Eis a prova de que Jesus era osso dos nossos ossos e carne da nossa carne” (Com. II, p. 304).

Dr. Heinrich Wendt sobre *João 17:3*:

“Jesus não está falando em *João 17:3* da vida eterna, quanto à sua essência, mas de como a vida eterna pode ser obtida. ‘Jesus é a ressurreição’ significa que Jesus é a resposta à pergunta de como ressuscitamos ... Suas palavras são o meio para a vida eterna (*6:63*) ... *João 17:3* nos diz que o conhecimento de Deus e do Messias é o meio exclusivo e perfeito de obter a vida eterna. Jesus foi enviado para dar vida para sempre... em *6:63* ele estava ciente de que um poder espiritual divino operava [energizado] através de sua pregação – um poder compartilhado por todos os que receberam sua mensagem na fé” [*Teaching of Jesus*] (Ensinamento de Jesus), pp. 244-247] [Compare, *1 Tessalonicenses 2:13*].

Dr. Bultmann, “*Primitive Christianity*” (Cristianismo primitivo). (1956)

“O anúncio de Jesus deve ser considerado no âmbito **do judaísmo. Jesus não era um ‘cristão’, mas um judeu**, e sua pregação é baseada nas formas de pensamento e imagens do judaísmo” (p. 71).

Isidore Epstein, “*Judaism*” (Judaísmo), 1959

“A concepção de Filó do logos era totalmente estranha ao judaísmo. O Deus da Bíblia é um Deus vivo, não o ser impessoal da metafísica grega. Ele emprega intermediários para executar sua vontade, mas certamente não está ocioso. Além disso, a concepção do “Logos” como um segundo Deus parecia prejudicar o monoteísmo absoluto da religião judaica. tudo isso explica a pouca influência que Filó exerceu sobre o pensamento judaico. Suas obras, no entanto, foram ansiosamente estudadas pelos Padres da Igreja, que encontraram nelas muito material para a síntese do pensamento judaico e grego que veio a ser conhecido como teologia cristã.

Basílio de Cesareia, sobre o Espírito Santo:

“Confessamos um só Deus, **não em número**, mas na natureza”.

Gregório de Nazianzo:

“O divino é indivisível nas suas divisões” [“*Oration*” (Oração 31, 14)].

Dr. J. S Whale, “*Christian Doctrine*” (Doutrina Cristã), 1952

“O pensamento cristão, trabalhando com os dados do NT e **usando a filosofia grega** como instrumento, construiu a doutrina da Trindade na Unicidade. Ele reconheceu na Divindade, **não um Indivíduo**, nem três Indivíduos, mas uma unidade pessoal.

“O pensamento sistemático **da igreja** envolvia inevitavelmente **uma definição adicional de monoteísmo [isto é, vai além de Jesus]**, uma elaboração da concepção unitária da Divindade, não em termos de triteísmo, mas de Trindade”.

Dr. Gromachi

“Nem Jesus nunca usou ‘nós’ ou ‘nossos’ em referência à sua pessoa teantrópica [Deus-Homem]. **Ele sempre usou 'eu' ou 'mim' porque era uma pessoa.**” [“*The Virgin Birth: A Biblical Study of the Deity of Jesus Christ*” (O Nascimento Virginal: Um Estudo Bíblico da Deidade de Jesus Cristo”]

[Deus se define como o “Eu” Divino milhares e milhares de vezes, porque Ele quer que saibamos que Ele é uma Pessoa divina, não três. “EU SOU O QUE SOU” (*Serei o que serei*), Êxodo 3:14. Jesus nunca afirmou ser o “Eu Sou” do Êxodo. Para Jesus, ‘Eu sou Ele’ significa que **Eu sou o Messias**”. João 4:26].

[Deus também se descreveu como ‘eu’ e ‘meu’, ‘ele’ porque Ele era uma pessoa. Milhares de pronomes pessoais singulares dizem-nos que Deus é uma só Pessoa. Este fato elementar da linguagem conhecido por todos foi submerso e sufocado pelo contrapoder maciço da autoridade eclesiástica].

Dr. Harold O.J. Brown, “*Heresies*” (Heresias), 1984

“Houve uma transição dentro do próprio monoteísmo bíblico: **do monoteísmo unitário de Israel [e Jesus!]** ao trinitarismo do Concílio de Calcedônia. A diferença foi simbolizada pela transição da oração “**Ouve, ó Israel, Jeová, nosso Deus, Jeová é um**” para a confissão do Credo Atanásio, “Adoramos um só Deus na Trindade e a Trindade na Unicidade”.

“A transição do monoteísmo pessoal de Israel para o teísmo tripessoal de Niceia foi um desenvolvimento legítimo da revelação do OT? **Os cristãos afirmam que sim**, sustentando que Niceia representa um desenvolvimento mais pleno e não uma distorção da autorrevelação do Deus de Israel. uma interpretação válida e necessária das afirmações de Jesus Cristo” (página 341).

Eu em Harold O.J. Marrom:

Se a Trindade era uma interpretação válida das afirmações de Jesus Cristo, como é possível que a própria alegação de Jesus fosse que ele acreditava plenamente no “*Shemá*” de Israel (*Marcos 12:29*), que *Brown* admite ser monoteísmo unitário?

As evidências mostram que os cristãos “progrediram” além de Jesus, e *2 João 7-9* adverte ir além contra dos ensinamentos de Jesus. O ensinamento de Jesus – a sua afirmação do credo unitário de Israel – continua a ser um testemunho contra o trinitarismo. Por que os cristãos não seguem a Cristo? Os cristãos devem seguir Jesus e falar como Ele!

Lutero em Isaías 48:16, ainda usado por alguns para apoiar a Trindade:

“Esta passagem foi surpreendentemente obscurecida. Os judeus entendem isso do profeta e eu tenho esta opinião... Não sustentará validamente o mistério da Trindade”.

Dr. Joseph Klausner sobre o Messias:

“Paulo, o judeu, não chegou ao ponto de chamar Jesus de ‘Deus’” [“*Messianic Idea*” (Ideia Messiânica)] (528).

Klausner sobre o falso desenvolvimento:

“O segundo passo foi identificar Jesus com a Palavra [faltando a mensagem por trás do mensageiro] pela qual o mundo foi criado segundo ele. ao judaísmo (*Abot 5:1*), ou ao “*Logos*”, que para Filó é uma espécie de ser angélico. Esta identificação encontra-se em João [não]. Era natural que os gentios que Paulo apresentou ao cristianismo dessem o terceiro e último passo e fizessem de Jesus um Deus-Homem, uma Pessoa com duas naturezas, Deus e homem ao mesmo tempo. Assim, o messianismo de Jesus foi gradualmente obscurecido. Jesus, o Messias, deu lugar a Jesus, o Deus-homem, ou o Deus Jesus. E as coisas finalmente chegaram a tal ponto que o nome Cristo se tornou o cognome essencial de Jesus (Jesus Cristo e não Jesus, o Messias). O messianismo de Jesus tornou-se secundário em relação à sua divindade” [“*Messianic Idea*” (Ideia Messiânica), p. 528].

Dr. W. A. Brown, “*Outline of Christian Theology*” (Esquema da Teologia Cristiana)

“**Passos em direção à Trindade:** O primeiro (1) é a identificação do Cristo preexistente com o “*Logos*” da filosofia grega. 2) A doutrina de *Orígenes* sobre a geração eterna do Filho. 3) a vitória em Niceia da fórmula atanásia ‘da mesma substância’.

150 d.C. “Na teologia de *Justino* e dos apologistas notamos uma mudança de ênfase. Aqui o Cristo pré-existente é identificado com o “*Logos*” da filosofia grega, e tudo o que os filósofos atribuíram a esta última é afirmado de Cristo. O Jesus humano fica em segundo plano e as marcas de limitação na sua vida [ignora o dia do seu regresso] são esquecidas ou explicadas. Os Padres Católicos justificam a ortodoxia do “*Logos*” e contra a simples cristologia messiânica [Mateus e Lucas dão isto em detalhe] e assim determinam as linhas de desenvolvimento **dogmático posterior**”.

Finalmente, observe o brilhante testemunho dos três jovens que estavam prestes a ser queimados vivos por Nabucodonosor por se recusarem a acreditar em alguém que não fosse o Deus de Israel. A LXX de *Daniel 3:17* (compare *João 17:3!*) diz “*nosso único Senhor... vai salvar-nos*”.

Um Senhor é uma Pessoa! Três nunca podem fazer um.

“*The Amplified Bible*” (A Bíblia Ampliada), *Gálatas 3:20*: “*Deus é uma só Pessoa*”.

Dr. Alister McGrath [do meu “*Jesus was Not a Trinitarian*” (Jesus não era trinitário)]

A Admissão Final!

As tentativas de sustentar uma visão trinitária de Deus a partir das Escrituras são inexpressivas e muitas vezes confusas. Um dos principais expoentes modernos da Trindade, *Alister McGrath*, diz-nos com razão que Jesus Cristo revela Deus. Não faz menção à revelação expressa de Jesus de Deus como o Deus Único de Israel. Ele aponta que três exemplos podem ser encontrados ao longo do NT do termo “Deus” aplicado a Jesus. *McGrath* atribui a escassez de referências a Jesus como “Deus” ao fato de que os escritores eram em sua maioria judeus. Mas, pode-se perguntar, não eram eles também cristãos autênticos e não sabiam qual Deus adorar? Não eram eles expoentes apostólicos da fé cristã? *McGrath* diz:

“O NT foi escrito num contexto de monoteísmo estrito de Israel ... Dada a forte relutância dos escritores do NT em falar de Jesus como “Deus” por causa de sua experiência no **monoteísmo estrito** de Israel, estas três declarações são de considerável importância. Significado” [*João 1:1; 20:28; Hebreus 1:8*].¹²¹

Os comentários do *Dr. McGrath* fornecem evidências eloquentes de que Jesus e seus seguidores não alteraram o credo judaico. Se eles estavam muito relutantes em falar de Jesus como Deus, não poderia ser

¹²¹ *Alister McGrath*, “*Christian Theology: An Introduction*” (Teologia Cristã: Uma Introdução), Blackwell, 2006, 280, 281.

simplesmente porque seu credo, afirmado por Jesus, os proibia de chamar qualquer pessoa além do Pai como o Deus supremo? Eles não mostram sinais de serem trinitários. Nem Jesus, claro.

Os três exemplos da palavra “Deus” para Jesus, comparados com as mais de 1.300 referências ao Pai como “Deus” no NT, são facilmente explicados.¹³¹ Eles não fornecem nenhuma justificativa para se afastar do credo de Jesus, que acreditava que “*o Senhor, nosso Deus, é um*” (Marcos 12:29).

Quando se trata da própria Trindade, *McGrath* comenta:

“O leitor casual da Escritura discernirá apenas dois versículos em toda a Bíblia que parecem, à primeira vista, suscetíveis a uma interpretação trinitária: *Mateus 28:19* e *2 Coríntios 13:14*. Ambos os versículos estão profundamente enraizados na consciência cristã ... No entanto, estes dois versículos, tomados em conjunto ou isoladamente, dificilmente podem ser considerados como uma doutrina da Trindade”.¹⁴¹

Esta é uma admissão significativa. *McGrath* passa então a dar-nos vinte páginas do desenvolvimento histórico post-bíblico da Trindade. Tem apenas uma página e meia para nos oferecer sobre o seu fundamento bíblico. Depois vem esta declaração surpreendente. Quão certo ele realmente encontra a Trindade no NT?

A doutrina da Trindade pode ser vista como o resultado de um processo de reflexão sustentada e crítica sobre o padrão da atividade divina revelado na Escritura e continuado na experiência cristã. Isto não quer dizer que as Escrituras contenham uma doutrina da Trindade; pelo contrário, a Escritura dá testemunho de um Deus que exige ser compreendido de modo trinitário. Exploraremos a evolução da doutrina e seu vocabulário distinto abaixo.¹⁵¹

Sugiro que a fé do *Dr. McGrath* está firmemente enraizada na tradição post-bíblica contra seu próprio princípio protestante de “*sola scriptura!*” Ele parece ter um conflito interno. Ele admite que não há doutrina da Trindade na Bíblia e, no entanto, em suas páginas, Deus exige a crença na Trindade.

Convido a uma longa reflexão sobre a afirmação acima em itálico: “Isto não quer dizer que as Escrituras contenham uma doutrina da Trindade”. No entanto, Deus “exige ser compreendido de modo trinitário”. Há uma curiosa falta de lógica e irracionalidade em jogo aqui. Alguém pode explicar como a ausência de uma doutrina trinitária na Bíblia é uma boa evidência de que Deus exige ser adorado como uma Trindade? Se as Escrituras são tomadas como o fundamento da fé, como afirmam os protestantes, suas páginas não fornecem nenhuma informação sobre “Deus em três pessoas”. O Deus de Jesus e do Novo Testamento é uma Pessoa divina, o Pai de Jesus e dos cristãos.

Nos livros canônicos do NT encontramos frequentemente confissões francas sobre o credo dos primeiros cristãos: “Os primeiros cristãos eram judeus ortodoxos que tinham sido educados na crença de que Deus era um. Eles nunca abandonaram sua crença de que Deus era um, mas gradualmente eles passaram a entender a unidade de Deus de uma nova maneira”.¹⁶¹ Mas essa novidade se justificava? Os discípulos posteriores de Jesus foram autorizados a abandonar seu credo unitário?

Teísmo hebraico pressuposto pelo movimento cristão (Rawlinson)

“Nosso Senhor Jesus Cristo era judeu e o movimento cristão foi, no seu início, um movimento dentro do judaísmo. Mesmo o quarto Evangelho, escrito, como muitos estudiosos acreditam, especialmente com o objetivo de mostrar Jesus aos gregos (João 12:20, 21), é enfático na sua afirmação de que “*a salvação vem dos judeus*” (João 4:22). Ao longo de todas as etapas da sua helenização [quem disse que isso é legítimo?!], o cristianismo pressupõe e dá por adquirida essa crença judaica em Deus. A sua dinâmica

¹³¹ *João 20:28* está no contexto de Jesus dizendo que ele vai ascender ao “meu Deus e teu Deus” (versículo 17). Tomé não havia reconhecido que, ao ver Jesus, se estava vendo Deus agindo (*14:7, 9*). A exclamação de Tomé, “Meu Senhor e meu Deus!”, resume lindamente a sua compreensão de que, ao encontrar o seu Senhor Jesus, encontra também o Deus único que nele opera. A direção é tanto para “meu Senhor” (o Messias) quanto para “meu Deus”, o Deus de Jesus e Tomé. Ver também o apêndice 1.

¹⁴¹ McGrath, “*Christian Theology*” (Teologia Cristã), p. 248.

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 249, sublinhado nosso.

¹⁶¹ Colin Chapman, “*The Case for Christianity*” (Argumentos a favor do cristianismo), Eerdmans, 1981.

espiritual distintiva perde-se sempre que, para efeitos práticos, o Deus vivo da religião se perde por detrás das abstrações da teologia filosófica. E a crença no Deus vivo foi a dádiva da Judeia ao mundo”.

Por fim, uma nota sobre a importância de Jesus e do Livro do Apocalipse:

“Nada é mais importante para compreender os processos mentais e literários [a mente de Jesus] do autor [Jesus] do que um estudo pormenorizado do AT. O Apocalipse está cheio de alusões ao AT, do princípio ao fim Do total de 404 versículos do livro, cerca de 265 contêm linguagem do AT, e cerca de 550 referências são feitas a passagens do AT. Um dos casos mais simples é a denúncia profética da queda da Babilónia no capítulo 18. É composta quase inteiramente de material extraído do mundo profético das profecias do AT em *Isaias 13, 14* e *Jeremias 50, 51*, Tiro, *Isaias 23*, *Ezequiel 26 a 28* e, em menor grau, Edom, *Isaias 34*, até mesmo a admoestação que poderia parecer ter referência direta à situação histórica, ‘*sai dela, povo meu*’, *Apocalipse 18:4*, é diretamente extraída das declarações proféticas do AT: 4, é diretamente tirada das declarações proféticas, *Jeremias 51:6, 9, 45*, *Isaias 50:8*, *Isaias 48:20, 52:11*, e tem lá, mais do que aqui, sua explicação histórica.

“Este capítulo não dá a impressão de ser um mosaico laborioso; tem a unidade do sermão e um alto grau de impressionismo e parece ser **o trabalho de alguém cuja mente está cheia da linguagem da profecia [a mente de Jesus]** e que extrai abundantemente e, claro, conscientemente do seu armazém, mas livremente e a partir de um forte impulso interior próprio, e elabora com as suas próprias conceições os temas contidos nas palavras proféticas. Ele [Jesus] transforma o todo num produto num novo sentido real, um todo poético. Mas o que é que podemos dizer que ele pôs este produto na boca de Jesus [Deus fez isso].

“As alusões que Jesus faz no Apocalipse concordam em parte com o hebraico, em parte com a LXX, *Westcott Hort* marca 33 referências como distintamente hebraicas, 15, da LXX, 5 são marcadas como hebraicas e LXX sabia. quatro referências a *Êxodo 19: 16, 4:5, 8:5, 11:19, 16:18* e uma a *Zacarias 3:1* e seguintes, *12:9* cita citações de *9:20, 10:5, 13:7, 20:4* de *Daniel* que segue, *Teodociano* (grego) mais de perto do que a LXX.

Comentário sobre “*The Abomination of Desolation in Prophecy*” (A Abominação da Desolação na Profecia) por *Desmond Ford*, PhD supervisionado por *F.F. Bruce*. *Ford* cita *Torrey* sobre **como a mente de Jesus assume o programa messiânico do AT em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21:**

“**Jesus obviamente via os tempos de Antíoco (167 a.C.) como uma prefiguração do que estava por vir.** Além disso, Jesus retirou elementos das várias apresentações de Daniel para expressar as suas convicções, citando *Daniel 7, 8, 9, 11 e 12*. Alguns dos comentários de *Torrey* são interessantes a este respeito. Observe que os evangelhos levam em conta **o programa do fim do AT.** *Torrey* então expõe seu entendimento desse programa: Primeiro, de acordo com os profetas, um exército hostil deve capturar e devastar Jerusalém [*Lucas 21*: Metade dos habitantes serão levados ao cativeiro, e ainda assim permanecerá uma cidade judaica, *Zacarias 12:3* (LXX) *13 e 14:2*. Seguir-se-á uma época de guerras de **fome e pestilência** de tribulação sem precedentes, incluindo uma perseguição aos príncipes = *Daniel 12:1* que continuará por “*um tempo, tempos e metade de um tempo*”, *12:7*. Este intervalo deve ser especialmente um momento de atividade missionária. A verdade deve ser proclamada primeiro aos judeus e depois aos gentios em todos os países (*Mateus 24:14*), em preparação para as cenas descritas em *Isaias 45:14; 49:22* e segs. *60:3 a 14, 66:19* e segs. E em outras passagens semelhantes, quando os salvos de todos os povos da terra se juntam aos israelitas na adoração do único Deus [=o Reino na terra]. Finalmente, as nações hostis unirão forças **para destruir Jerusalém** (*Zacarias 12, 13, 14*) e a religião de Israel. Esse ataque será precedido por presságios de advertência no céu e na terra, *Joel 2:30* e segs., *3:4*. As hostes celestiais os encontrarão no vale de Josafá. O Messias virá nas nuvens do céu (*Daniel 7:13* e segs.) e à direita de “*Yahweh*” (*Isaias 41:12* e segs. *45:1, Habacuque 3:13, Salmos 110:5*) verá a destruição de os últimos inimigos de Israel”. Então o Reino de Deus começará como a nova ordem mundial na terra.

Acrescento o seguinte: este resumo do quadro do fim do AT é certamente o padrão dado no próprio NT. Por exemplo, o autor de *Apocalipse 11:1, 2* e segs [Jesus], fala da cidade santa *sendo atacada e depois pisoteada por três anos e meio, durante os quais a igreja dá testemunho do evangelho de Cristo diante das nações*. O fim desse testemunho é seguido por um ataque final da besta [anticristo] que sai do abismo, a besta que anteriormente atacou e depois se retirou por um tempo. “No tempo da quarta besta,

evidentemente, entendida pelos judeus do primeiro século como o Império Romano, a grande catástrofe mundial está a chegar: o último rei do último Império pressiona contra Israel e trará um exército contra Jerusalém, *Daniel 9:26; 11:31*. Ele erguerá uma abominação da desolação no lugar santo e exaltar-se-á, e finalmente armará as suas tendas entre o mar e o glorioso monte santo, mas chegará ao seu fim e não haverá quem o ajude (*Daniel 11:45*). Depois a ressurreição e o Reino (*Daniel 12:2*)”.

Quem era o inimigo que estava destinado a encontrar o seu fim da forma descrita? Não será, de facto, a cidade do imperador romano que será tomada e devastada após a tomada da cidade e a morte do monarca gentio do império? “*Haverá um tempo de angústia; as potências mundiais nos seus últimos estertores farão coisas terríveis*”. *Alders* considera que o discurso do Monte das Oliveiras aborda dois temas: a **destruição de Jerusalém e o fim dos tempos (comparar com *Mateus 24:3*)**. Por isso, ele considera a invasão romana como uma sombra do ataque final do Anticristo [na “*Parousia*”], e por isso assume a posição de que a invasão romana foi uma manifestação do Anticristo, embora uma manifestação que deveria crescer em dimensões maiores, eventualmente consagrando eventos sobrenaturais. Diz Weiss: “**O próprio Jesus já pensou no futuro em termos de escatologia judaica do AT**”.

Jesus sabia dos problemas do fim dos tempos no templo, uma invasão do fim dos tempos de Jerusalém e do templo, a Grande Tribulação (*Daniel 12:1=Mateus 24:21*), e imediatamente depois disso (*Mateus 24:29, Marcos 13:19*) a “*Parousia*”, a segunda vinda. Mesmo Jesus não sabia (*Atos 1:7*) os longos períodos que poderiam decorrer (agora quase 2000 anos!) Mas Jesus sabia o que Zacarias e outros profetas, especialmente Daniel, haviam ensinado sobre os problemas no Templo, a Grande Tribulação e a Segunda Vinda. Experimente esse modelo!